1964 Nº 1 ANO XXXII

BOLÉTIM PECUARIO

Direcção Geral dos Serviços Pecuários
4ª Repartição

A RAÇA BOVINA BARROSÃ

Por

MANUEL LOPES GONÇALVES GARCIA
Médico-Veterinário

ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Não se torna simples estabelecer a origem primitiva do bovino barrosão. Nem todos os autores estão conformes nas hipóteses que se aventam a este respeito.

Bernardo Lima, o grande mestre de zootecnia, não chegou a emitir opinião nos seus escritos lapidares de há um século, quanto à presumível ancestralidade deste núcleo étnico, porque certamente não encontrou possibilidade de o relacionar com outros bovinos conhecidos de tão acentuado perfil côncavo e de tendência para tão grande desenvolvimento córneo.

O Dr. João Tierno admite que o bovino barrosão «tem proveniência intracontinental, sendo porventura um ramo do grupo étnico do planalto superior castelhano, a que a segregação em país de montanhas, sem comunicações, quase inacessível, devia a estranha conformação morfológica que o singulariza».

Diz ainda este autor ao referir-se à origem da raça barrosã:

«A descompassada envergadura das hastes e o prognatismo inferior constituem a característica morfológica do bovino do Barroso. Esta última particularidade provém não do alongamento da maxila inferior, a qual apenas se encurva, mas de uma suspensão do crescimento normal dos nasais e dos grandes supramaxilares, facto que se dá com relativa frequência, em virtude da maleabilidade destes ossos e que no caso sujeito se explica como fenómeno compensador do alargamento frontal e do enorme desenvolvimento que adquiriram as cavilhas ósseas, a fim de poderem suportar o peso dos chifres».

«A casta barrosã formar-se-ia, pois, dentro da raça fusca por processo selectivo intencional entre seres que acidentalmente apresentavam armação considerável; o tamanho crescente dos apêndices córneos exigiu o desenvolvimento correlativo de alguns ossos cranianos, realizado à custa da atrofia de outros ossos da face, do que resultou o prognatismo mandibular; por último interveio a segregação como agente fixador das particularidades que a selecção provocasse. O castanho escuro era a cor antiga do gado barrosão e talvez não haja ainda um século que o ganadeiro a fez variar para o tom que tem hoje».

Enquanto o Dr. Tierno procura enquadrar o bovino barrosão nas raças fuscas da Península, o professor Miranda do Vale inclui-a no tronco mauritâneo, de que considera uma raça pura.

Aquele tronco foi descoberto por Thomas na região quaternária do Norte de África, sendo o ancestral paleontológico dos tipos côncavos brevilíneos denominado por *Bos Primigenius Mauritanicus* e descrito da seguinte forma:

«A nuca era côncava ou pouco saliente; os olhos muito salientes; os cornos compridos e possantes eram situados no cimo da cabeça dirigiam-se primeiro para cima e para o lado, depois recurvavam-se para diante, virando as pontas para dentro e para baixo».

Ao ascendente mauritâneo, certamente por ter um puro representante na orla atlântica da Europa, denomina o Prof. Miranda do Vale por *Bos Taurus Atlanticus.*

Quanto à conformação dos bovinos barrosãos explica este ilustre Mestre «o que deu aos barrosões tão portentosa e descomunal armadura, foi a nosso ver, a forma tradicional porque, nas serranias montalegrinas, se faz a escolha do marel. Apartam-se os reprodutores, açulando, um contra o outro, dois candidatos à função magna da reprodução e aquele que, depois de enlaçar as armas com o adversário, consegue recuá-lo, derrubá-lo ou pô-lo em fuga, esse é o touro da freguesia, o padreador das vacas da vezeira. Ora esta divertida forma de eleição dá a primazia aos touros de maior ossatura capital, mais potente musculatura céfalo-cervical, mais força no ângulo társico e, por variação correlativa, determina o grande desenvolvimento dos chifres».

O Prof. Miranda do Vale tira assim da nebulosa a origem desta raça pura. É perfeitamente admissível, dada a facilidade de trânsito entre o Norte de África e a Península e a longa e quase total ocupação desta pelos mouros, que bovinos do tronco mauritâneo se tivessem instalado entre nós, como no resto da Península.

Posteriormente possível foi que, mais pequeno e menos desejado, o bovino oriundo do Norte de África fosse batido, desalojado e absorvido pelos dos troncos Ibérico e Aquitânico e restasse um núcleo apenas, acantonado nas zonas planálticas do Barroso, onde, segregado, evoluiu e se fixou sob a forma da raça barrosã. De resto, esta região de limites estabelecidos naturalmente pela orografia e pela mesologia, tais como a reconheceu há cerca de um século o Prof. Bernardo Lima, é particularmente caracterizada pelo maior propiciamento à criação de gado, em virtude das condições agro-climatéricas não permitirem larga exploração agrícola — nela não se produz milho (excepto em alguns vales mais baixos e abrigados) nem vinha.

As duas opiniões emitidas pelo Prof. Miranda do Vale e pelo Dr. João Tierno ao associarem-se parece desvendarem melhor o enigma do bovino barrosão.

É possível que as «chegas» que por divertimento e selecção os barrosãos realizavam (fotos 1 e 2), lançando em luta os touros ou novilhos, em regra de povos diferentes, tenha condicionado as modificações ósseas apontadas, designadamente as prognáticas associadas por vezes à assimetria dos ossos supranasais e maxilares, por forma a, em muitos indivíduos, determinar uma conformação que se traduz pelo aspecto de focinho torcido (foto 26), o que não é comum observar-se noutras raças.

Todavia, a prática das lutas que teriam condicionado a modificação dos ossos da cabeça e o deplorável maior desenvolvimento da cornamenta, que se dirige nos touros para a frente e para cima, por forma a constituir maior ameaça para o rival, por feliz circunstância determinou também a selecção dos touros que possuíam mais fortes membros, dotados de bons curvilhões, de garupa horizontal e larga, provida de boas massas musculares e bem ligada ao terço dianteiro através de uma região lombar larga e bem musculada. Quem tenha observado estas «chegas» no Barroso, deve reconhecer que sem estes requisitos somáticos não seria possível

desenvolver-se o prélio a que se assiste até que, por vezes não ferido, mas convencido da sua menor potencialidade perante o adversário, um dos rivais se acobarda e foge. E touro que foge é vexatório no Barroso ser utilizado na padreação.

Cremos também que o temperamento nervoso (embora a índole seja muito boa) dos bovinos barrosãos se deve ainda a essa selecção em que intervém não só a compleição física como a excitação intensa do sistema nervoso.

Diremos assim que, qualquer que tenha sido o bovino donde se originou o barrosão, ele seria bastante diferente deste que essencialmente é, nas suas características, consequência do meio geofísico do planalto barrosão e do milenário sistema de selecção a que vem sendo submetido. E digo milenário porque não é possível contar por séculos as raízes dos hábitos patriarcais referentes à exploração bovina, ainda hoje usados em terras de Barroso por povos que sempre foram mais dedicados à pastorícia do que à agricultura.

O SOLAR DA RAÇA

O Barroso ou «Terra de Barroso» é considerado, já desde os primórdios da nacionalidade, como uma extensão territorial que vai do Tâmega à fronteira que lhe fica a norte e até próximo de Vieira do Minho e de Cabeceiras de Basto, a poente.

A Terra de Barroso abrange os actuais concelhos de Montalegre e de Boticas, as freguesias de Campos e Ruivães, de Vieira do Minho e a de Gondiães, de Cabeceiras de Basto.

Trata-se de uma região montanhosa, acidentada, não excedendo os 1300 metros, de constituição granítica, fazendo parte da Terra Fria que se estende por todo o Norte dos distritos de Vila Real e Bragança.

Nela se encontram compreendidos acidentes orográficos, como a serra do Larouco, a de Alturas, também chamada do Barroso, a da Cabreira e o prolongamento da serra do Gerez próximo à raia, formando a noroeste do concelho de Montalegre o que localmente se chama a serra da Morela.

Esta zona serrana e planáltica dá nascença e é atravessada por vários rios, principalmente pelo Cávado e seu afluente Rabagão, bem como pelos rios Beça e Covas, respectivamente, afluente e subafluente do rio Tâmega.

As condições climatéricas da região reduzem bastante as suas possibilidades agrícolas que se limitam pràticamente às culturas do centeio, da batata e alguma produção hortícola para satisfazer as necessidades locais.

Nos terrenos de encosta, em regra não muito erosados, cresce vegetação bravia de que os gados aproveitam; nas chãs elevadas e frescas desenvolve-se apreciável pastagem natural de gramíneas, que constitui alimento para as espécies ruminantes nos meses de verão em que estão ocupados os terrenos de cultura situados a cotas inferiores.

Nas zonas baixas de aluvião mantêm-se prados de lameiro, alguns seculares, donde se corta grande massa de feno absolutamente indispensável para suprir a falta de outras forragens no rigoroso Inverno que é próprio da região.

Segundo o observatório meteorológico de Montalegre, situado a mil e seis metros de altitude, as temperaturas médias das quatro estações do ano no triénio 1956-57-58 foram: no Outono 10,6°, no Inverno 3,6°, na Primavera 8,7° e no Verão 15,9°.

Quanto à precipitação aquosa, apontam-se 1503 cm por ano, divididos pela seguinte forma: Outono 373 cm, Inverno 658 cm, Primavera 393 cm e Verão 80 cm.

Nos plainos alpestres, as condições de humidade e evaporação são propícias ao desenvolvimento dos pastos no Verão, mas no Inverno é frequente encontrarem-se dias seguidos cobertos de neve.

Esta região tem um verdadeiro sentido etnográfico, dado os costumes populares e a exploração agrícola e pecuária tão diferenciada, que a caracteriza.

Os proprietários rurais do Barroso viviam e em parte ainda vivem uma simples actividade agrícola-pastoril, baseando-se essencialmente a sua economia no rendimento do gado, principalmente do bovino, que acarinha com desvelo especial. De tal forma o gado é a riqueza no Barroso que as reses miúdas (ovinos e caprinos) são designadas por «fazenda» e se avalia da fortuna dos proprietários pelo número de vacas que possuem. Na freguesia de Salto, a maioria dos proprietários possui 10 a 15 cabeças de gado vacum; alguns atingem 20 a 25.

Vivendo em região um tanto segregada, formando aldeias de casas de pedra solta de granito, bastante juntas umas das outras, talvez por sentimento de solidariedade contra perigos comuns, os habitantes do Barroso sempre se auxiliaram e continuam auxiliando mùtuamente na explo-

ração dos gados e em variados trabalhos agrícolas, conservando ainda um pouco de regime comunitário, de origem pré-romana, mantido por tradições milenárias. É assim que, no Barroso, ainda se efectuam autênticas assembleias de cada povoação, em regra num largo, onde deliberam sobre os bens, direitos e deveres comuns, partilhando as lenhas, regulando as regas e deliberando sobre o pastoreio dos gados, acordando na compra do «touro do povo», avaliando os danos praticados por alguém, estabelecendo as multas correspondentes, etc..

Sob este aspecto, o que mais interessa é o estabelecimento das vezeiras do gado bovino que em capítulo próprio descreveremos.

É esta a região onde se acantonou, evoluiu e se fixou a raça bovina barrosã. Pode dizer-se que as suas características são resultantes das condições ambientais a que se adaptou e da empírica selecção dos criadores do planalto.

ZONA DE EXPANSÃO

Como veremos quando tratarmos da área geográfica de exploração, a raça barrosã expandiu-se do seu solar de origem para a região de Entre Douro e Minho.

Orogràficamente, esta parte territorial pode definir-se por um anfiteatro onde interessa distinguir duas zonas de altitude entre as quais se interpõe uma terceira.

A primeira, a zona serrana, é constituída pelos maiores acidentes orográficos — serras da Peneda, do Soajo e do Gerez — atingindo culminâncias que vão a cerca de 1400 metros e se confinam com a raia seca galega; nesta área os bovinos perderam a característica barrosã por influência de outros grupos étnicos e ananicaram-se bastante (90 cm na altura do garrote).

Na zona serrana compreende-se também a serra da Cabreira que, como vimos já, faz parte da Terra de Barroso.

A segunda zona, abrangendo a área litoral das províncias do Minho e do Douro Litoral, toma altitudes até 300-400 metros e, no seu limite leste, estende-se de Vila Nova da Cerveira até Felgueiras, passando por Ponte de Lima, Vila Verde, Braga e Guimarães. É a zona litoral, em

grande parte da qual se recriam os vitelos vindos do Barroso, se jungem e, por último, se cevam.

A nordeste destes concelhos reconhecemos uma zona sub-montanhosa, de transição entre aquelas duas extremas, dedicada essencialmente à criação da raça.

A constituição geológica da região de Entre Douro e Minho é, como a do Barroso, essencialmente granítica nas áreas que interessam à exploração barrosã, denunciando a correspondente pobreza de cal e de fosfatos, própria de terrenos desta origem.

As águas dos pequenos rios e de outros mananciais da zona sub-montanhosa, são intensamente aproveitadas na limagem de prados socalcados, que constituem a grande fonte de produção de erva na quadra rigorosa do ano.

«CHEGAS» DE TOUROS NO BARROSO

Foto 1



Dois bons touros enfrentam-se

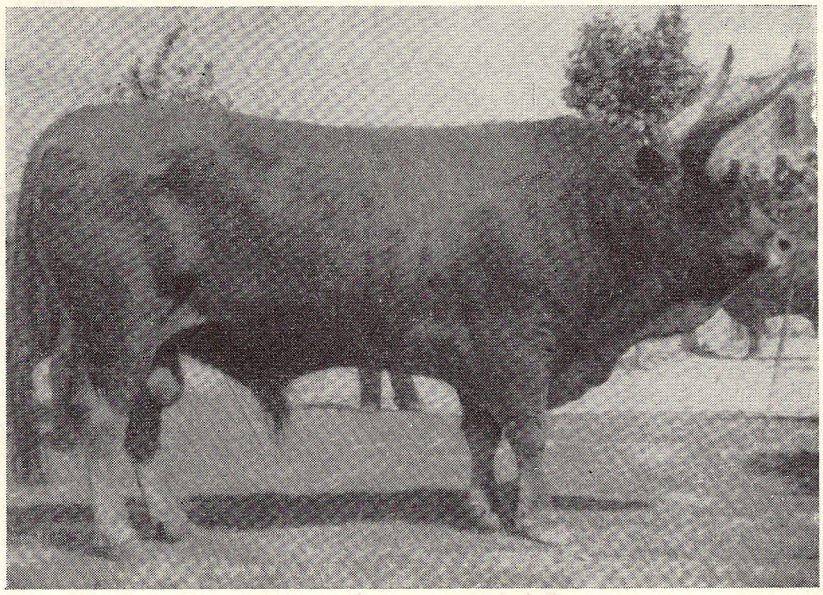
Foto 2



Outros em plena luta — Ao fundo um aldeamento de colonização interna

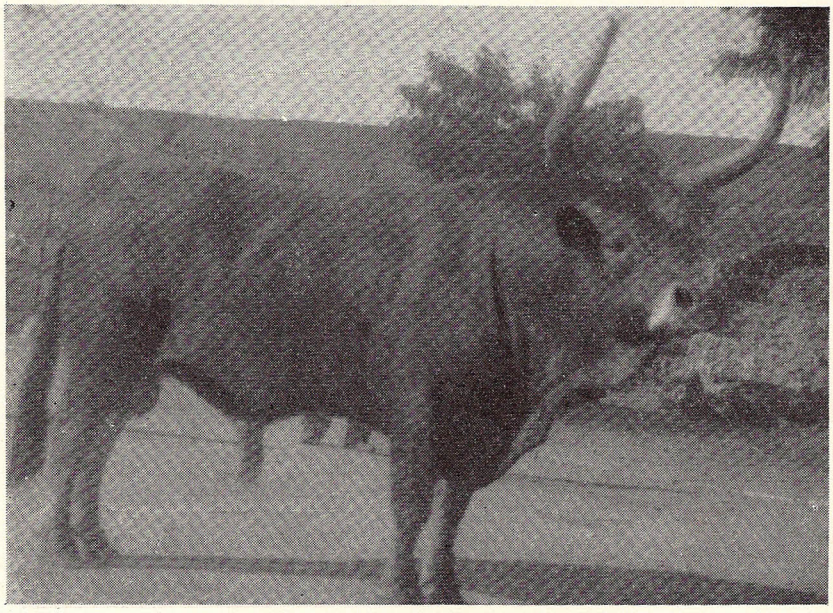
TOUROS BARROSÃOS

Foto 3



Touro — MONTALEGRE

Foto 4



Touro — BARROSO

EFECTIVO

Através dos mapas juntos se desdobram, por concelhos, os efectivos masculino e feminino barrosãos dos quatro distritos que interessam à raça.

Pela comparação entre os machos e fêmeas arrolados em 1955 e a estimativa que fizemos dos pertencentes à raça barrosã, pode concluir-se da maior ou menor dominância em cada concelho.

O apuramento final informa-nos que a raça é representada por 182 027 cabeças, das quais 55 070 são machos (castrados ou não) e 126 957 são fêmeas.

Interessante seria comparar estes números com os de arrolamentos anteriores, para nos certificarmos da redução do efectivo.

A este respeito apenas dispomos de possibilidade de comparação com o arrolamento de 1940, efectuado no distrito do Porto, aquele em que, seguramente, a raça sofreu maiores perdas.

Então, computamos aqui o efectivo em 24 970 machos e 10 476 fêmeas, que actualmente se calculam estar reduzidas, respectivamente, a 14 450 e a 5994, isto é, acusando um decréscimo de quase 50 %.

As estimativas constantes dos quadros seguintes foram efectuadas em 1959, devendo admitir-se, ao ser publicado este trabalho, que continui a verificar-se certa redução do efectivo barrosão.

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Concelhos	Bovinos barrosãos	Machos		Fêmeas	
		Todas as raças	Raça barrosã	Todas as raças	Raça barrosã
	Total	Arrolamento de 1955	Estimativa	Arrolamento de 1955	Estimativa
Total	**53 096**	*14 724*	**9 799**	*71 981*	**43 297**
Arcos de Valdevez	11 009	*1 495*	874	*15 409*	10 135
Caminha	1 200	*212*	100	*4 096*	1 100
Melgaço	6 596	*1 403*	1 403	*5 638*	5 193
Monção	7 998	*3 229*	3 228	*5 208*	4 770
Paredes de Coura	7 310	*504*	503	*6 825*	6 807
Ponte da Barca	4 312	*764*	644	*4 709*	3 668
Ponte do Lima	6 250	*1 891*	950	*11 647*	5 300
Valença	3 750	*1 955*	1 600	*2 690*	2 150
Viana do Castelo	900	*2 923*	150	*12 036*	750
Vila Nova da Cerveira	3 771	*348*	347	*3 723*	3 424

DISTRITO DE BRAGA

Concelhos	Bovinos barrosãos **Total**	Machos		Fêmeas	
		Todas as raças	Raça barrosã	Todas as raças	Raça barrosã
		Arrolamento de 1955	Estimativa	Arrolamento de 1955	Estimativa
Total	**96 977**	*30 939*	**29 601**	*82 720*	**67 376**
Amares	3 481	*890*	890	*2 643*	2 591
Barcelos	12 170	*5 188*	4 620	*12 830*	7 550
Braga	8 695	*2 680*	2 679	*7 199*	6 016
Cabeceiras de Basto	6 544	*1 276*	1 274	*5 461*	5 270
Celorico de Basto	7 474	*3 175*	2 690	*5 163*	4 784
Esposende	1 380	*1 285*	1 030	*4 270*	350
Fafe	10 741	*1 706*	1 703	*9 596*	9 038
Guimarães	11 092	*5 002*	4 995	*7 865*	6 097
Póvoa de Lanhoso	5 909	*1 485*	1 485	*4 501*	4 424
Terras do Bouro	3 727	*718*	718	*3 772*	3 009
Vieira do Minho	6 488	*1 246*	1 245	*5 477*	5 243
Vila Nova de Famalicão	8 986	*3 994*	3 978	*5 723*	5 008
Vila Verde	10 290	*2 294*	2 294	*8 220*	7 996

DISTRITO DO PORTO

Concelhos	Bovinos barrosãos	Machos		Fêmeas	
		Todas as raças	Raça barrosã	Todas as raças	Raça barrosã
	Total	Arrolamento de 1955	Estimativa	Arrolamento de 1955	Estimativa
Total	**20 444**	*39 104*	**14 450**	*44 530*	**5 994**
Amarante	240	*4 807*	240	*4 145*	—
Felgueiras	4 102	*4 459*	2 900	*2 548*	1 202
Gondomar	1 330	*3 311*	1 330	*2 159*	—
Lousada	772	*3 112*	470	*1 675*	302
Maia	675	*2 049*	610	*3 123*	65
Matosinhos	140	*1 571*	80	*3 298*	60
Paços de Ferreira	1 262	*1 089*	980	*2 778*	282
Paredes	1 457	*3 750*	1 125	*3 351*	332
Penafiel	1 030	*5 476*	820	*3 726*	210
Porto	50	*855*	50	*1 423*	—
Póvoa de Varzim	1 775	*856*	770	*3 888*	1 005
Santo Tirso	4 836	*3 659*	3 290	*4 777*	1 546
Valongo	744	*1 430*	715	*1 160*	29
Vila do Conde	2 031	*2 680*	1 070	*6 479*	961

DISTRITO DE VILA REAL

Concelhos	Bovinos Barrosãos Total	Machos		Fêmeas	
		Todas as raças	Raça barrosã	Todas as raças	Raça barrosã
		Arrolamento de 1955	Estimativa	Arrolamento de 1955	Estimativa
Total	**11 510**	*4 362*	**1 220**	*13 620*	**10 290**
Boticas	1 700	*1 413*	250	*2 923*	1 450
Montalegre	9 810	*2 949*	970	*10 697*	8 840

EFECTIVO BOVINO BARROSÃO — RESUMO GERAL

Distritos	Total	Machos	Fêmeas
Total	**182 027**	**55 070**	**126 957**
Braga	96 977	29 601	67 376
Porto	20 444	14 450	5 994
Viana do Castelo	53 096	9 799	43 297
Vila Real	11 510	1 220	10 290

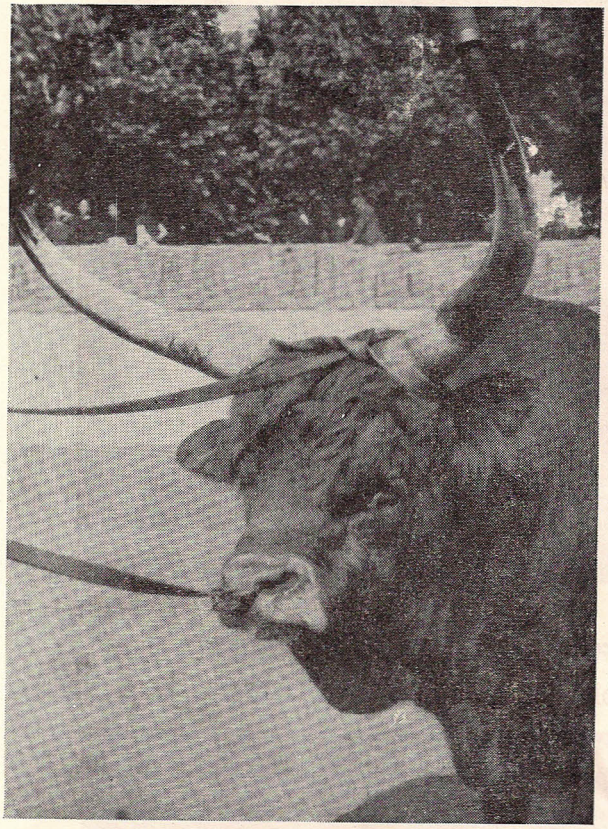
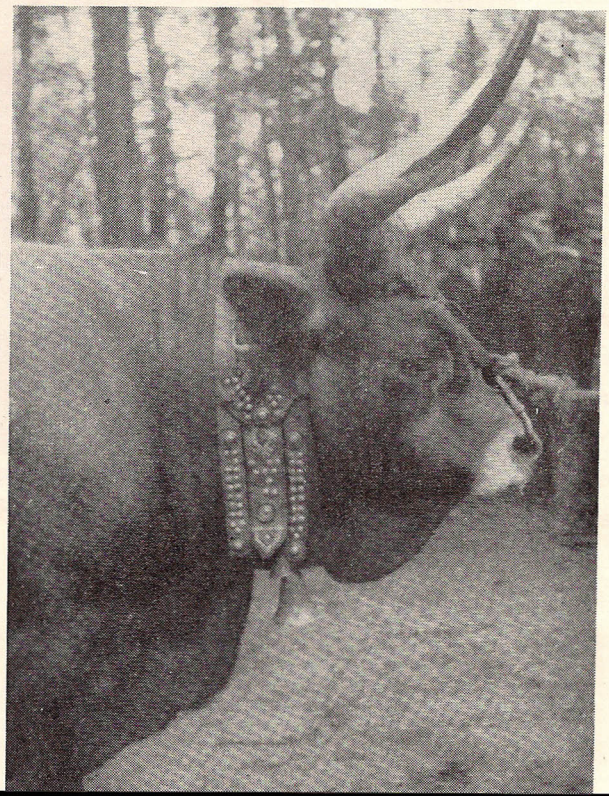


Foto 5

Cabeça de Touro — BARCELOS

Foto 6



Cabeça de Touro — BARCELOS

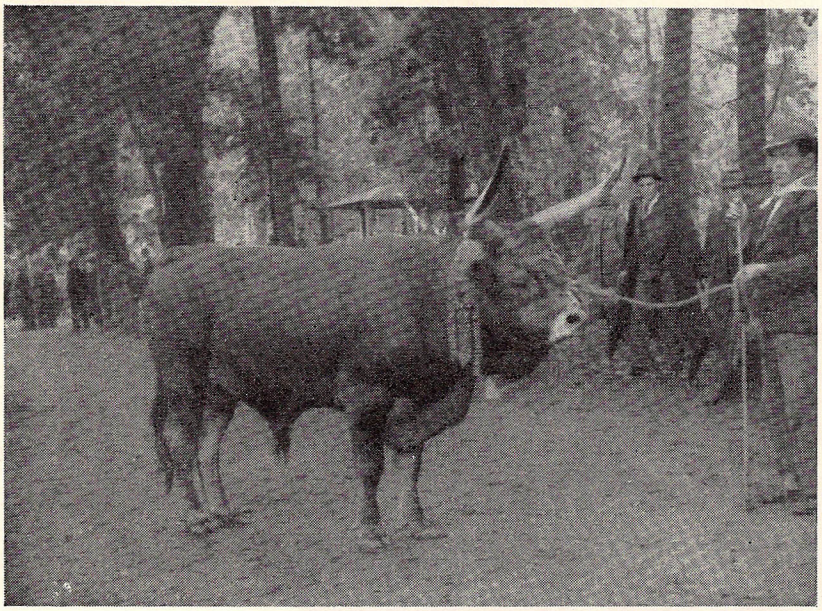


Foto 7

Touro a que pertence a cabeça da foto N.º 6 — BARCELOS

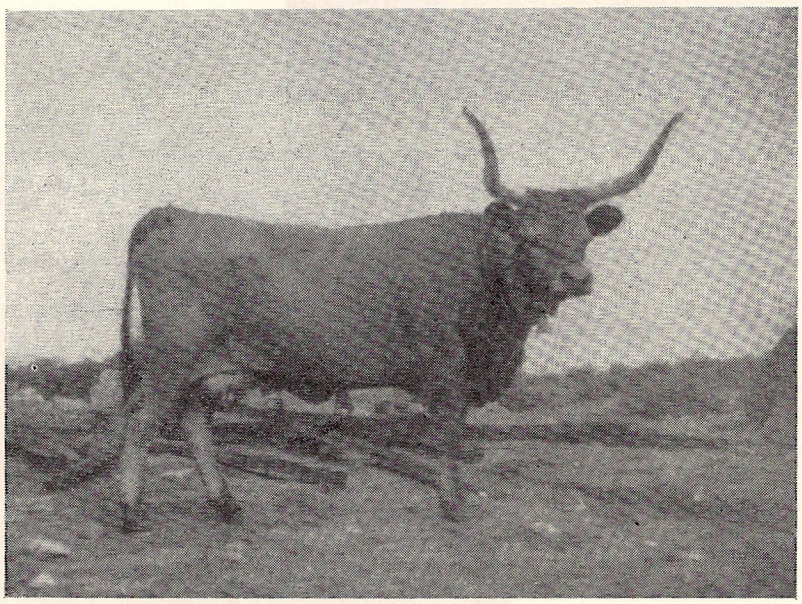


Foto 8

Vaca — MONTALEGRE

ÁREAS GEOGRÁFICAS DE MULTIPLICAÇÃO E EXPLORAÇÃO

EXPANSÃO E RETROCESSO DA RAÇA

Do seu solar de origem os bovinos barrosãos espalharam-se, segundo todas as probabilidades, pelo distrito de Vila Real, onde em cruzamento com indivíduos do tronco Ibérico devem ter determinado, também por acantonamento, a raça bovina maronesa, a que o Dr. João Tierno denominou por «Alvonesa», cremos que com bastante propriedade, dado ser na serra do Alvão e suas imediações que se encontram os melhores exemplares desta raça mista e a serra do Marão não apresentar tão propícias condições à criação de gado como aquela.

Na Galiza confinante com o Barroso, segundo refere Bernardo Lima, a raça barrosã também se fazia representar por vacas de criação.

Foi, porém, para o sudoeste que ela essencialmente se expandiu, descendo da serra da Cabreira e infiltrando-se entre os rios Cávado e Tâmega, até atingir o rio Douro que lhe serviu de baliza sul.

Já instalada no Minho Central, espraiou-se para poente e norte, detida apenas pelas flutuações da raça minhota ou galega, condicionadas à maior ou menor permeabilidade da fronteira espanhola. Em consequência do incremento comercial dos bois cevados para exportação e, mais tarde, do recuo dos bovinos galegos, a raça barrosã mais cevatriz, ocupou todo o território até ao rio Minho, deixando a poente apenas vago aos bovinos

aquitânicos um enclave na Beira-Lima, formando um triângulo com base marítima que se estendia da foz do rio Neiva a Caminha e tinha por vértice Ponte de Lima.

A criação barrosã apurou-se então extremamente com o fim de produzir almalhos que, recriados e cevados, atingiam conformação e pesos excelentes.

Este período áureo da raça ocupou a segunda metade do século passado, no fim do qual deve ter alcançado o seu apogeu. De então para cá, os bois de 40 arrobas (limpas) de que se fala ainda na região, passaram a rarear cada vez mais e hoje, pràticamente, não existem.

De facto, o desaparecimento da imensa procura de novilhos que denunciassem boa precocidade, o desinteresse em produzir animais de maior desenvolvimento somático, veio determinando a falta de cuidado na selecção nesse sentido e a redução da estatura geral da raça.

Entretanto, na zona do Porto, já se havia instalado a vaca turina que ocupou este concelho e se expandiu pelos limítrofes, principalmente na beira-mar dos de Matosinhos e de Vila do Conde.

Aliado a estes factos, abriram-se vastos horizontes, inicialmente, à indústria de manteiga e, mais tarde, à dos lacticínios, a qual, na área que interessa à zona do barrosão, tomou maior incremento no concelho de Penafiel e, seguidamente, nos de Passos de Ferreira, Paredes, Lousada e Valongo.

Nesta mancha, as vacas barrosãs, em concorrência com as turinas, foram sendo desalojadas, bem como o haviam sido já na área de abastecimento de leite ao Porto e continuaram a ser em toda a faixa litoral em ordem decrescente até Viana do Castelo.

Não só as vacas barrosãs sofreram com a infiltração turina. A prática da ceva de bois barrosãos que se fazia no litoral do distrito de Braga e do Porto, de que o concelho da Maia constituía o principal centro comercial, a ponto de se denominarem por «maianos» os bois barrosãos, foi sendo substituída pela exploração de vacas leiteiras. Os próprios bois de trabalho, particularmente na área dos concelhos de Penafiel e limítrofes, começaram a ser preteridos a favor dos turinos.

Assim se localizava a raça há cerca de três décadas.

Observemos agora a continuação do retrocesso verificado de então para cá, em 4 zonas distintas: Barroso, Beira-Lima, faixa litoral e zona central do distrito do Porto.

No Barroso, a cultura da batata, o florestamento intensivo e a instalação de barragens, designadamente a de Pisões, têm contribuído para a redução do efectivo da raça barrosã.

Delas, foi a primeira que maior influência exerceu nesse sentido. Desde 1939, em que a produção da batata de semente começou a tomar incremento no Barroso (calcula-se a produção em 18 000 toneladas anuais), a região planáltica, especialmente a que se estende a Noroeste do concelho de Montalegre, começou a ser invadida por juntas de bois maroneses e mirandeses, os primeiros provenientes da região da Ribeira de Pena — «bois penatos» — e os segundos da de Chaves.

Tornava-se, é certo, necessário o trabalho de fortes bois para arrotear e lavrar os melhores lameiros do Barroso, que contribuíram durante séculos para a formação da raça. Porém, seguidamente aos bois foram recrutadas vacas daquelas raças e, por último, touros, dos quais se encontram registados em numerosos postos de cobrição exemplares mirandeses, e não também maroneses por a tal se opor o digno Intendente de Pecuária de Chaves com o argumento de que, a ter de se efectuar no Barroso a criação de outra raça, de preferir será optar pela que tem melhor aptidão dinamófora.

Da coexistência daqueles touros e das vacas barrosãs, surgiram, inevitàvelmente, crias cruzadas que, revelando alta precocidade, favorecida pela capacidade leiteira das mães, permite aos 6 meses a formação de vitelos de talho com valorização superior em cerca de mil escudos aos da raça pura barrosã. Deste facto, que os lavradores locais constatam e cujo proveito sentem, resultará, sem dúvida, o abastardamento da raça local e a sua absorção pela intrusa.

Em relação à época em que o Prof. Bernardo de Lima escreveu sobre o Barroso, a raça experimentou ali um forte retrocesso, não só na sua expansão, como, principalmente, na do domínio da sua criação. No mapa topográfico indicamos o limite leste atingido pela raça e observado por aquele zootecnista, a meia dúzia de quilómetros do qual ficam as fre-

guesias de Solveira e Sarraquinhos, citadas por ele como possuindo do «melhor gado do Barroso».

Hoje essas freguesias ficam muito próximas do limite actual da expansão da raça e muito afastadas da linha que marca o domínio da sua criação pura. Como índice do declínio da criação barrosã no seu solar, bastará citar que, no melhor concelho de criação e que ocupa a maior parte da Terra de Barroso — Montalegre — se encontram registados em postos de cobrição 52 touros barrosãos e 37 mirandeses, alguns destes já infiltrados na área de criação típica. A percentagem de 25 % de touros mirandeses que se verificava há 5 anos naquele concelho, subiu actualmente para 40 %, o que traduz o desinteresse da lavoura barrosã pelo seu bovino tradicional, em face das alterações culturais do agro ali observadas.

Na área dominada pela raça galega regista-se, presentemente, um bom incremento desta, que vai alastrando a sua área de criação nos concelhos de Viana do Castelo, Ponte de Lima, Caminha, Vila Nova da Cerveira, Esposende e Barcelos, desalojando deles a fêmea barrosã, em virtude da sua maior capacidade lactígena e da facilidade da entrega do leite, por se ter tornado, ùltimamente, mais apertada a rede de postos de recepção. Além disto, as crias galegas têm mais pretendentes nas feiras e são mais bem pagas do que as barrosãs, precisamente para satisfazer o movimento expansionista da raça nas zonas baixas do litoral. Reconhecem, porém, os lavradores locais que a rês barrosã é superior à galega na sobriedade da alimentação, o que não deixa de ter importância em zona de propriedade tão minifundiária.

Não só a infiltração turina contribuiu para o afastamento da rês barrosã da zona litoral do distrito do Porto. A escassez de corpulentos bois de trabalho barrosãos e o quase desaparecimento dos bois galegos, levaram os lavradores a procurar animais de uma outra raça da orla marítima então em franca melhoria — a marinhoa. É assim que esta raça, representada por possantes bois de trabalho, tem subido pelo litoral até ao rio Ave, destronando desta zona a barrosã.

Por último, referiremo-nos ao desalojamento completo do gado barrosão de uma área que abrange parte dos concelhos de Penafiel, Paredes, Lou-

sada e Felgueiras. À substituição das vacas barrosãs por turinas, muitas vezes forçada pela exploração leiteira em parceria, na qual o sócio pagador era industrial de manteiga, sucedeu, a breve trecho, a recria de novilhos turinos, que passaram a substituir de forma progressiva os bois barrosãos, reconhecida que foi a sua suficiente capacidade de trabalho de tracção e de lavra das pequenas parcelas da propriedade local e a grande precocidade de que são dotados, permitindo enviá-los ao matadouro um ou dois anos mais cedo do que os barrosãos.

Porém, nem só nos concelhos citados se utiliza o trabalho turino em substituição do barrosão. Esta tendência vai-se disseminando por todo o distrito.

O mapa topográfico auxiliará a definir melhor a área ocupada pela raça. Como complemento, informamos que hoje em Espanha não se observa representação bovina barrosã, evitando mesmo os lavradores da Galiza importar gado «galhudo» e o seu cruzamento com a raça aborígene.

De uma maneira geral, afigura-se que a raça barrosã, se condições muito especiais não se derem, como a da intervenção do Estado num intensivo trabalho de melhoramento, a da motorização generalizada do trabalho agrícola nas áreas da plantação da batata e a da cotação especial da carne bovina barrosã, tão própria para abastecer os «talhos de carne extra», deverá experimentar substancial redução na sua zona de exploração, por forma a confinar-se na região de Entre Douro e Minho em cotas superiores a 300 metros, onde os acidentes orográficos e as condições mesológicas não vão tão bem para outras raças autóctones ou não se desentranhem em forragens por forma a satisfazer as maiores exigências da raça turina.

Porém, ao retroceder para o seu solar antigo, terá este sido já ocupado por reses de outros troncos nas cotas superiores a 800 metros permitidas à produção de batata de semente, pelo que verá o seu centro vital de produção deslocar-se mais para sudoeste e localizar-se, pràticamente, sobre a serra da Cabreira.

Área de dispersão da raça bovina barrosã 1959



• LEGENDA •

- LIMITE DAS "TERRAS DE BARROSO"
- LIMITE DE EXPANSÃO DA RAÇA
- LIMITE EXCLUSIVO DA CRIAÇÃO
- LIMITE LESTE DA EXPANSÃO NO BARROSO (1860)
- LIMITE DE FRONTEIRA
- LIMITE DE DISTRITO
- LIMITE DE CONCELHO

EXPLORAÇÃO

REGIME DE EXPLORAÇÃO

O gado barrosão submete-se aos mais variados regimes de exploração, indo desde o sistema quase exclusivamente estabular até ao de alimentação pastoril permanente na quadra quente do ano. O mais frequentemente praticado é semi-estabular.

O primeiro regime observa-se quando os campos estão completamente ocupados na região minifundiária do Minho e em algumas semanas de neve no Barroso.

O regime pastoril é próprio das melhores zonas do solar da raça e observa-se nas chãs das serranias do Barroso. Este sistema é o das vezeiras de feição comunitária, mergulhando as suas raízes na tradição pré-romana. Praticado desde sempre no Barroso, actualmente, por razões adversas, entre as quais sobressai a expansão do florestamento, encontra-se muito reduzido.

Com a expressão «vezeira» pretende designar-se a manada ou rebanho que se reveza no pastoreio com outros da mesma ou outra espécie.

Neste regime pastoril, as manadas de gado bovino das freguesias ou dos lugares, se estes são grandes, sobem em Maio até às zonas de pastagem alpestre próximas onde, por direito consuetudinário ou até mesmo por aforamento, as povoações podem usufruir daquele benefício, dali recolhendo o gado em Setembro, pelo S. Miguel.

A guarda da manada era antigamente realizada sempre pelos proprietários dos bovinos, que se substituíam sucessivamente e a faziam por dias proporcionais ao número de cabeças que incluíam na vezeira. Neste sistema, o apascentamento «anda à roda», segundo a terminologia da região. Hoje caiu em desuso o apascentamento à vez. O mais vulgar é ser contratado um pastor ou «vaqueiro», que recebe meio alqueire de centeio (ou de milho) por cabeça, o qual por sua vez assalaria, se necessário, um ou mais ajudantes.

Antigamente e ainda não há muito, o poder directivo da vezeira era constituído por um «juiz», um «procurador» e pelo conselho dos «seis homens da fala», sendo os dois primeiros eleitos pelos sócios e os homens da fala escolhidos pelos primeiros. Esta direcção tem poderes para resolver todos os assuntos que não estiverem estipulados no «acordo da vezeira» e, de um modo geral, sobre todos os interesses comunitários.

Na actualidade, porém, os assuntos pendentes das vezeiras pouco já são tratados desta forma. Deles muitas vezes toma conta o presidente da Junta de Freguesia, outras o regedor ou mesmo o cabo de ordens do lugar, sendo certo, todavia, que se o povo não estiver de acordo com o deliberado, reúne no largo onde, em regra, existe o forno comunitário e aí se resolve a pendência em magna assembleia.

Nas zonas de apascentação estival existem os «currais» destinados a recolher o gado à noite, a contá-lo e, no caso de haver substituição do pastor, a entregá-lo ao associado que se segue na roda do pastoreamento. Nestes «currais», que são chãs extensas que, de anos a anos, são lavradas para produção de centeio, existe uma tosca cabana de pedra, para abrigo e dormida do pastor, e um forno.

A vezeira de cada freguesia tem as suas áreas de pastoreação e alguns «currais» distanciados uns dos outros. Estes são ocupados enquanto na área próxima existe pastagem suficiente para a alimentação da manada. Seguidamente, o gado desloca-se conforme o estabelecido no acordo da vezeira, para outra área de apascentação, recolhendo à noite ao respectivo curral e assim, sucessivamente, vai percorrendo a zona que lhe é própria, vindo das pastagens mais altas e afastadas da freguesia para as mais baixas e próximas, até regressar ao povoado quando o tempo começa a arrefecer.

Quase todas as vezeiras dispõem dum touro para beneficiação das vacas que, entretanto, se vão saindo. Contudo, hoje há vezeiras que não são acompanhadas pelo touro da povoação ou da freguesia, com o argumento de que ele poderia cobrir alguma vaca «suja» e ir infectar as restantes. Este receio tem o seu forte fundamento no facto de, no Barroso, grassar a brucelose entre o gado bovino e de poucas vacas seguirem na vezeira que não estejam cobertas, porquanto partem para a serra quase sòmente as que têm crias desmamadas e as que não estão em adiantado estado de prenhez. As vacas da vezeira que se conservam vazias é, certamente, porque sofrem de qualquer processo da esfera genital.

Contavam-se por milhares as cabeças bovinas apascentadas nestas condições. Na época actual, porém, em que o florestamento se expandiu largamente pelo Barroso, algumas áreas de pastoreamento alpestre foram interditas.

Na serra da Morela (entre Covelães e Tourém) faziam-se as maiores vezeiras de gado, contando-se por mais de duas mil as cabeças bovinas que para aquelas paragens seguiam, vindas de Pitões das Júnias, Tourém, Covelães, Travassos, Paredes e Parada.

Ainda hoje para ali se desloca gado bovino mas em número muito inferior em consequência da redução da zona de pascigo. Da freguesia de Covelães deixou mesmo de ir gado para a Morela e o que presentemente segue doutros lugares já não é em vezeira. Os proprietários colocam-no na serra e, passado o verão, vão buscá-lo muitas vezes desfalcado de uma ou outra rês morta por acidente, quando não atacada por lobos.

Outra vezeira que se efectuava pastava no monte Rebolar, da Serra da Cabreira, e interessava principalmente à freguesia de Campos, do concelho de Vieira do Minho. Compunha-se de cerca de 250 cabeças que, em 1959, deixaram ali de pastar com prejuízo para os tradicionais usuários daqueles prados naturais.

Pràticamente, no Barroso, apenas se mantém envezeiramento de gado bovino em duas zonas: uma, na serra do Gerez próximo à fronteira, correspondendo à zona dos Carris e, outra, na serra da Cabreira, no monte da Maçã.

Para os Carris segue o gado de quase todos os lugares da freguesia do Cabril, Outeiro e de parte de Pitões das Júnias, Ferral e Covelo do Gerez.

A vezeira da Maçã comporta cerca de 800 cabeças bovinas. Para aquela área pascigosa seguem animais de alguns lugares das freguesias de Refojos, S. Nicolau, Rio Douro, Bucos e Abadim, do concelho de Cabeceiras de Basto e os lugares de Bugalhão, Ameal, Corva e Paredes da freguesia de Salto, do concelho de Montalegre.

A concessão desta área de pastagens, de cerca de 600 hectares, a mil metros de altitude, foi feita por aforamento aos povos que deles são utentes desde 1598. Mesmo assim, observava-se a propensão para se arborizar parte daquela zona. Temos, porém, conhecimento de que, ùltimamente, os Serviços respectivos, a rogo dos povos interessados, sobrestaram qualquer povoamento florestal e, muito louvàvelmente, estão executando o melhoramento das pastagens e a regular a rotação do pastoreio, com vista a um racional aproveitamento da fonte de produção animal que as chãs do monte da Maçã representam.

Esta acção dos Serviços Florestais é das mais meritórias na contribuição para a produção de carne de que somos deficitários.

A importância das pastagens de altitude é muito de considerar se atendermos a que, muitas vezes, magras pelos trabalhos agrícolas ou pelo aleitamento das crias, as vacas das vezeiras se mantêm quase cinco meses na montanha, regressando em bom estado de carnes e as novilhas igualmente nutridas, embora todo o gado apresentando o pêlo com o aspecto próprio da permanência na serra.

Calculando que em 5 meses de pastoreio cada rês adulta ou adolescente tivesse aumentado 45 kg de peso, correspondentes a 25 kg de carne, teríamos uma maior valia superior a 500$00 por cabeça.

Daqui se infere que, por exemplo, para o caso particular do monte da Maçã, o peso total da carne bovina produzida seria de 20 toneladas, com um valor superior a 400 contos.

Porém, os benefícios destas pastagens não só se traduzem no aumento de peso dos animais. Eles repercutem-se favoràvelmente na própria exploração agrícola.

De facto, o lavrador impedido de enviar reses para a vezeira não opta pela redução do número de cabeças de gado, por este ser mais consentâneo aos seus interesses, terá necessàriamente de reduzir a extensão de cultivo dos cereais. Uma produção se deve manter e essa é a do feno que

deverá suprir as necessidades do gado nos meses frios. Se os bovinos não aproveitam no Verão a quantiosa forragem verde das chãs das montanhas, há necessidade de levar a prados de pastoreio terrenos então ocupados na cultura de milho ou centeio, já que os lameiros de feno terão de continuar incólumes para a produção das reservas de Inverno.

Desta forma, a redução das pastagens de altitude diminui a capitação bovina ou a extensão da cultura de cereal, quando não ambos concomitantemente.

CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO

As novilhas são cobertas no Minho cerca dos 18 meses, enquanto que no Barroso se aguarda mais uns seis meses para entrarem na procriação. No solar da raça, as crias conservam-se permanentemente com as mães pelo menos 2 meses. Depois são separadas, saindo as vacas de manhã e voltando a juntar-se à tarde com as crias, com as quais ficam de noite.

Este regime de aleitamento é seguido até serem vendidas com cerca de 5 meses. Algumas vitelas são amamentadas até aos 7 meses, preferindo os proprietários obter boas crias do que apressar-se a tirar o leite às mães.

A partir do segundo mês, começam a distribuir aos adolescentes batata crua cortada, farinha de centeio e alguma erva ou feno fino.

As vitelas não vão à pastagem com as mães. Ao formarem-se as vezeiras só partem para a serra aquelas que tenham atingido os 9 meses.

Para auxiliar o desmame das que não são vendidas, aplicam muitas vezes sobre o focinho das crias um bocado de tábua eriçado de pontas de prego, o que magoa a vaca quando pretendem mamar. Deste modo, são escorraçadas até se desabituarem.

Os vitelos não são castrados no Barroso. Descendo para o Minho são aqui submetidos à castração por volta do 6.º ou 7.º mês.

No Minho os lavradores não são tão pródigos nos cuidados reservados às crias em amamentação.

Nas zonas em que se explora a função leiteira da vaca barrosã, os vitelos são desmamados aos 3 meses, começando a tirar-se o leite às vacas ao mês ou ao mês e meio, idade em que a cria começa a procurar alimen-

tar-se com forragens. Então, passam a mungir parcialmente a vaca e, em breve, forçam o desmame. Se as crias se destinam ao matadouro são, por vezes, vendidas ao mês e meio ou 2 meses.

Noutras áreas onde não se procura explorá-las naquela vocação, nem por isso é hábito alargar além dos 4 meses, como no Barroso, o aleitamento das crias.

A causa principal da defeituosa conformação dos membros posteriores, em zonas onde se pratica a mungição das vacas, é imputável à ablactação precoce das crias que, desde logo, passam a apresentar formas mais estreitas e pecando por desaprumo dos membros posteriores que se tornam zambros (foto 25). Este defeito não se observa em regiões isentas de postos de recolha de leite ou de desnatação, nem no Barroso.

Em Terras de Barroso apenas se recriam novilhas. A recria de novilhos faz-se em Entre Douro e Minho, particularmente no distrito de Braga, nos concelhos submontanhosos.

Emparelhados antes do ano, são habituados à canga e, antes dos 18 meses, já puxam ao carro. Há proprietários agrícolas ou simples caseiros que se dedicam especialmente à exploração dos novilhos nesta fase da vida. Vendidos para maiores propriedades do litoral, aí terminam o seu desenvolvimento até à chacina final.

FINS DA EXPLORAÇÃO

No Barroso a finalidade principal da exploração das vacas é a da produção de crias. O trabalho constitui função secundária.

No Minho, na zona de criação, as necessidades de trabalho aumentam pelo que este passa a desempenhar papel equivalente ao da produção de vitelos. Ainda dentro desta zona devemos referir a área de exploração leiteira das vacas, que se localiza essencialmente nos concelhos de Vila Nova da Cerveira e de Paredes de Coura. As vitelas de talho são aqui vendidas com cerca de mês e meio.

Para além dos limites da zona de criação exclusiva, em virtude do efectivo passar a ser constituído de preferência por bois, a função dinamopoiética suplanta quaisquer outras. É nesta região que se efectua a primeira e, com mais frequência, a segunda recria dos novilhos — «touros»

— que, em regra, já aparelhados e jungidos, passam de mão para trabalhar em pequenas propriedades. Muitas vezes, mais tarde, passam novamente de dono, acabando o seu desenvolvimento em boas casas agrícolas do litoral, onde trabalham e, por fim, são cevados e entregues ao magarefe.

Embora todas estas finalidades de exploração sejam importantes, convém, no entanto, referir que em toda a área de expansão da raça as necessidades de fertilizantes orgânicos são tais — menos expressas nas zonas de menor cultivo do planalto montalegrino — que a Lavoura considera como muito essencial a exploração de gado bovino pelo estrume que lhe produz.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação do gado bovino, estando intimamente subordinada à feição agrícola regional, varia, como é natural, da terra fria barrosã para o litoral minhoto.

Não vamos desenvolver a este respeito dados ecológicos que interessem ao gado barrosão, mas focaremos sucintamente aspectos das práticas culturais agro-pecuárias barrosã e minhota.

No Barroso a economia agrária gira em torno de três produções: centeio, feno e batata. Naquelas zonas ainda não muito dominadas pela cultura da batata, interessa sobretudo a cultura do centeio e a criação de gado, para o alimento do qual contribuem poderosamente os lameiros de feno, os lameiros de pastoreio, a palha de centeio e as ervagens desenvolvidas nos montes de bravio. Importante contributo também para a alimentação de verão é dado pelas pastagens naturais de chãs das serras. Embora a cultura da batata tenha feito lavrar, desde 1939, grande extensão dos melhores lameiros do Barroso, ainda ali se dispõe de bom número deles, produtores de excelente feno, muitos dos quais não há memória de terem sido levantados.

Estes são prados naturais de várias espécies, quase todas gramíneas, usualmente cortadas, em fins de Agosto, para a fenação. Seguidamente, de Setembro até Abril, destinam-se ao pastoreio de gado, constituindo o

melhor recurso alimentar do Barroso. A massa de feno produzida de Abril a Agosto, num hectare de lameiro, pode computar-se ali em 15 carros de 20 a 25 arrobas, isto é, a cerca de 4500 quilos.

Além destes lameiros, existe a produção forraginosa dos lameiros de pastoreio, ou seja, de lameiros mais ordinários não destinados a feno, onde o gado pode pastar durante todo o ano. Em terrenos menos fundos, o centeio é destinado a ferrã.

Afora os lameiros e alguns prados de lima, pouco resta ao gado, no Barroso, que lhe sirva de substancial alimento verde. No entanto, dada a grande extensão dos montes de bravio, estes constituem um grande auxiliar nas crises alimentares.

Como forragens secas dispõem os bovinos de belo feno e de palha de centeio das quais, esta, só em caso de carência do primeiro, é dada ao gado.

Deste modo, o esquema da alimentação bovina, no Barroso, pode resumir-se:

Janeiro — Feno na corte. Desde que o gado possa sair, poucas horas de pastagem em lameiro ou terreno bravio.
Fevereiro — Idem.
Março — Pouco feno na corte. Os bovinos começam a pastar nos lameiros destinados a feno.
Abril — Pastoreio nos mesmos lameiros e ferrã de centeio.
Maio — Pastagem nos lameiros de pastoreio (foram coutados os de feno).
Junho — Pastagem nos mesmos lameiros e em terrenos de bravio.
Julho — Pastagem em terrenos de bravio e retouço dos lameiros.
Agosto — Pastagem em incultos bravios e bordas de caminhos. Crise alimentar.
Setembro — A partir de meados, entra o gado nos lameiros, onde foi cortado o feno.
Outubro — Lameiros em geral (Outonadas dos lameiros).
Novembro — O gado volta aos incultos e continua aproveitando algum pasto dos lameiros.

Dezembro — Feno na corte. Sai a pasto quando a neve ou a chuva permitem.

A maior crise alimentar verifica-se no verão, época em que muitos bovinos se encontram pastando na serra, em vezeira. Não sòmente esse pastoreio os afasta dessa crise, como permite recolher maiores massas de feno para reserva hibernal.

No Minho o esquema agrícola modifica-se bastante. Por razões que não interessa escalpelizar, porventura ligadas em grande parte a um anacrónico sistema de arrendamento, pago quase sempre em milho, o lavrador minhoto continua mantendo as rotações de cultura de antanho, que se podem descrever em súmula:

Em toda a área cultivável, a terra é semeada de milho consociado a feijão, mais cedo se os terrenos são de sequeiro, mais tarde se são mais fundos e têm possibilidade de rega.

Os terrenos de lima no inverno e de rega no verão, que beneficiam da água de minas e da dos rios pouco caudalosos, são semeados na segunda sacha (arrenda) do milho, em regra com erva molar consociada a língua de ovelha e tornam-se susceptíveis de dar cortes verdes desde Novembro a Maio e, seguidamente, palha da erva que amadurece para semente no verão seguinte.

Se o terreno não é limável, semeia-se erva castelhana, azevém ou centeio para ferrãs ou este também para grão. O trigo entra, por vezes, na rotação em terras baixas do litoral.

Nos terrenos mais de sequeiro, no interior da província, é uso associar aos ferrejos de gramíneas a serradela. No litoral esta leguminosa é substituída pelo trevo vermelho e violeta.

O que se destaca destas rotações de cultura é que o lavrador minhoto explora a terra dominado por uma economia que tem por base o milho e os prados de gramíneas, estas como recurso forraginoso de Inverno e aquele como salvaguarda também da sua própria alimentação.

Podemos esquematizar a alimentação bovina, na província minhota, do seguinte modo:

Janeiro — Palha de milho. Palha de azevém ou de erva castelhana (chamado feno na região). Erva de prado de

melhor recurso alimentar do Barroso. A massa de feno produzida de Abril a Agosto, num hectare de lameiro, pode computar-se ali em 15 carros de 20 a 25 arrobas, isto é, a cerca de 4500 quilos.

Além destes lameiros, existe a produção forraginosa dos lameiros de pastoreio, ou seja, de lameiros mais ordinários não destinados a feno, onde o gado pode pastar durante todo o ano. Em terrenos menos fundos, o centeio é destinado a ferrã.

Afora os lameiros e alguns prados de lima, pouco resta ao gado, no Barroso, que lhe sirva de substancial alimento verde. No entanto, dada a grande extensão dos montes de bravio, estes constituem um grande auxiliar nas crises alimentares.

Como forragens secas dispõem os bovinos de belo feno e de palha de centeio das quais, esta, só em caso de carência do primeiro, é dada ao gado.

Deste modo, o esquema da alimentação bovina, no Barroso, pode resumir-se:

Janeiro — Feno na corte. Desde que o gado possa sair, poucas horas de pastagem em lameiro ou terreno bravio.

Fevereiro — Idem.

Março — Pouco feno na corte. Os bovinos começam a pastar nos lameiros destinados a feno.

Abril — Pastoreio nos mesmos lameiros e ferrã de centeio.

Maio — Pastagem nos lameiros de pastoreio (foram coutados os de feno).

Junho — Pastagem nos mesmos lameiros e em terrenos de bravio.

Julho — Pastagem em terrenos de bravio e retouço dos lameiros.

Agosto — Pastagem em incultos bravios e bordas de caminhos. Crise alimentar.

Setembro — A partir de meados, entra o gado nos lameiros, onde foi cortado o feno.

Outubro — Lameiros em geral (Outonadas dos lameiros).

Novembro — O gado volta aos incultos e continua aproveitando algum pasto dos lameiros.

Dezembro — Feno na corte. Sai a pasto quando a neve ou a chuva permitem.

A maior crise alimentar verifica-se no verão, época em que muitos bovinos se encontram pastando na serra, em vezeira. Não sòmente esse pastoreio os afasta dessa crise, como permite recolher maiores massas de feno para reserva hibernal.

No Minho o esquema agrícola modifica-se bastante. Por razões que não interessa escalpelizar, porventura ligadas em grande parte a um anacrónico sistema de arrendamento, pago quase sempre em milho, o lavrador minhoto continua mantendo as rotações de cultura de antanho, que se podem descrever em súmula:

Em toda a área cultivável, a terra é semeada de milho consociado a feijão, mais cedo se os terrenos são de sequeiro, mais tarde se são mais fundos e têm possibilidade de rega.

Os terrenos de lima no inverno e de rega no verão, que beneficiam da água de minas e da dos rios pouco caudalosos, são semeados na segunda sacha (arrenda) do milho, em regra com erva molar consociada a língua de ovelha e tornam-se susceptíveis de dar cortes verdes desde Novembro a Maio e, seguidamente, palha da erva que amadurece para semente no verão seguinte.

Se o terreno não é limável, semeia-se erva castelhana, azevém ou centeio para ferrãs ou este também para grão. O trigo entra, por vezes, na rotação em terras baixas do litoral.

Nos terrenos mais de sequeiro, no interior da província, é uso associar aos ferrejos de gramíneas a serradela. No litoral esta leguminosa é substituída pelo trevo vermelho e violeta.

O que se destaca destas rotações de cultura é que o lavrador minhoto explora a terra dominado por uma economia que tem por base o milho e os prados de gramíneas, estas como recurso forraginoso de Inverno e aquele como salvaguarda também da sua própria alimentação.

Podemos esquematizar a alimentação bovina, na província minhota, do seguinte modo:

Janeiro — Palha de milho. Palha de azevém ou de erva castelhana (chamado feno na região). Erva de prado de

lima. Palhada (erva misturada com palha de centeio cortada).

Fevereiro — Idem. Pouca pastagem no campo. Ferrã de centeio e aveia.

Março — Pastagem no campo. Alguma ferrã. Erva de prado de lima.

Abril — Pastagem. Grandes massas de azevém e de erva castelhana. Erva de prados de lima. Alguns trevos.

Maio — Pastagem. Azevém e erva castelhana já amadurecidos. Erva dos prados de lima. Por vezes, trevos.

Junho — Milho verde dos desbastes. Pasto da beira dos caminhos, dos valados e bouças de mato. Palha de azevém. Serradela.

Julho — Milho de desbaste e pendões de milho. Serradela. Ervas dos caminhos e bouças.

Agosto — Alguns pendões de milho. Palha de azevém.

Setembro — Palha de milho meio verde. Pasto depois do corte do milho (milhãs).

Outubro — Ervas dos campos de milho. Palha de milho. Primeiros cortes da erva de lima.

Novembro — Idem.

Dezembro — Palha de milho. Palha de azevém ou de erva castelhana. Palhada.

Como no Barroso, no Minho observam-se também crises no ciclo alimentar. Aqui, estas registam-se principalmente em Fevereiro, se o tempo tem corrido muito frio e não houve bom desenvolvimento da erva em Setembro-Outubro, depois da colheita do milho.

Na zona do Minho em contacto com o Barroso, a alimentação modifica-se, porquanto ali já se cultiva o milho que, no verão, substitui com os seus desbastes e pendões, a alimentação verde dos lameiros de pastoreio. Os lameiros de feno continuam a produzir a forragem de reserva para o Inverno.

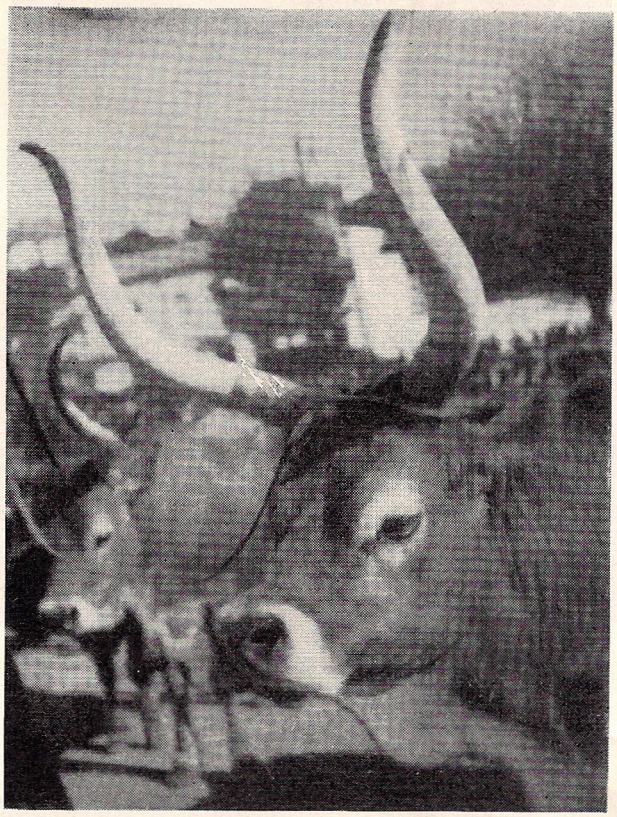


Foto 9

Cabeça de vaca
Focinho com o aspecto de arrebitado

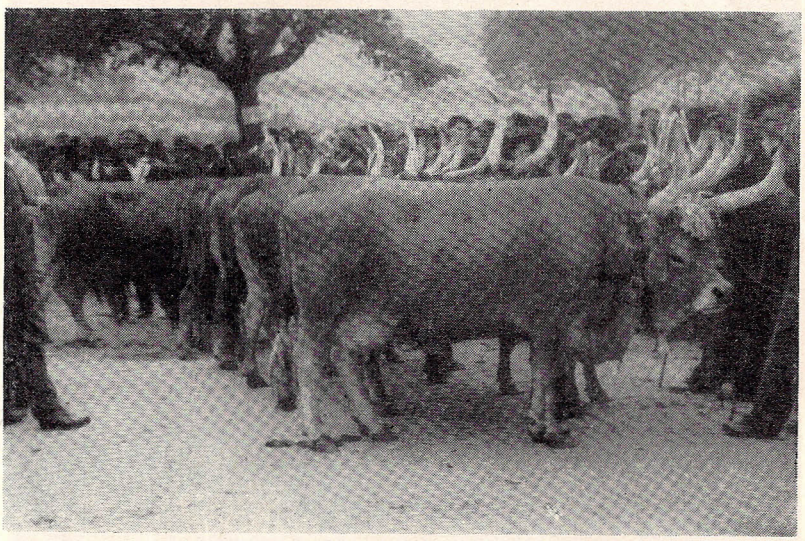


Foto 10

Bom grupo de vacas
Concurso Pecuário de Paredes do Coura

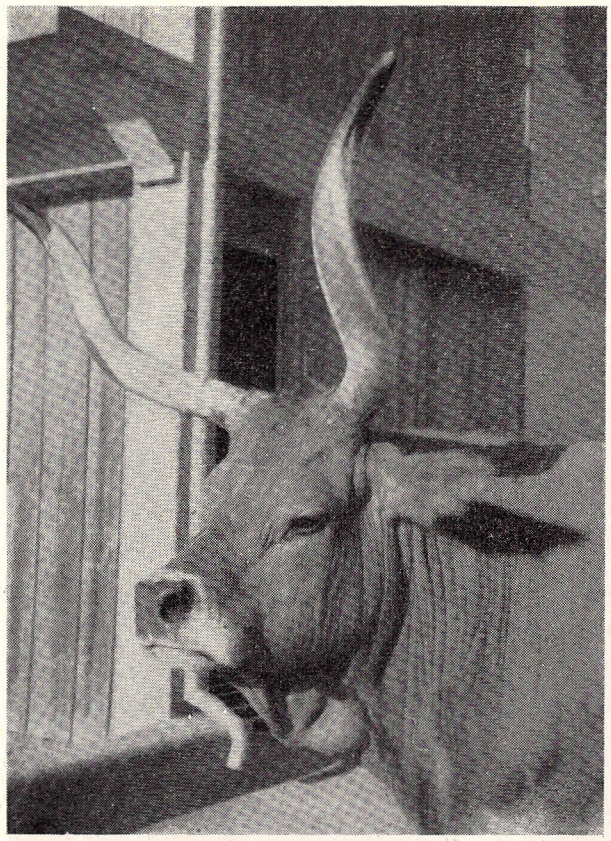


Foto 11

Cabeça de vaca — BRAGA
Perfeitos atributos étnicos

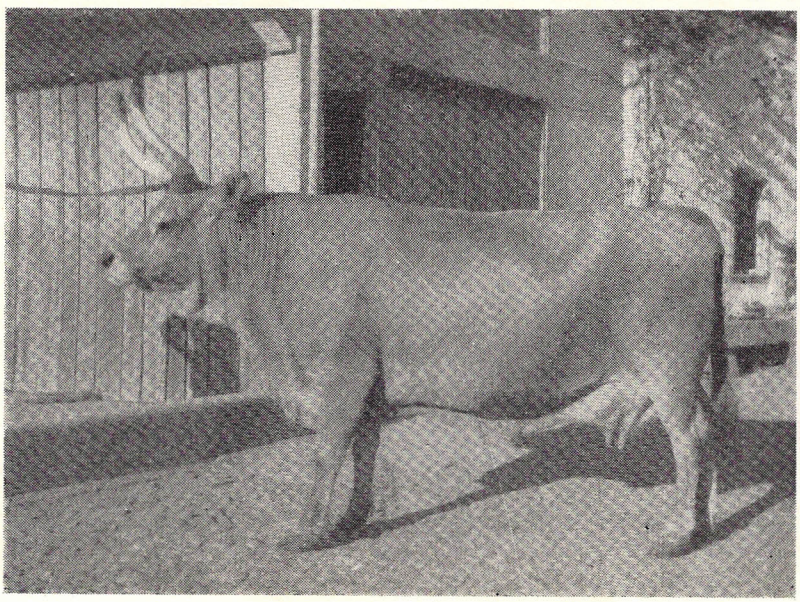


Foto 12

A mesma vaca — Boa conformação

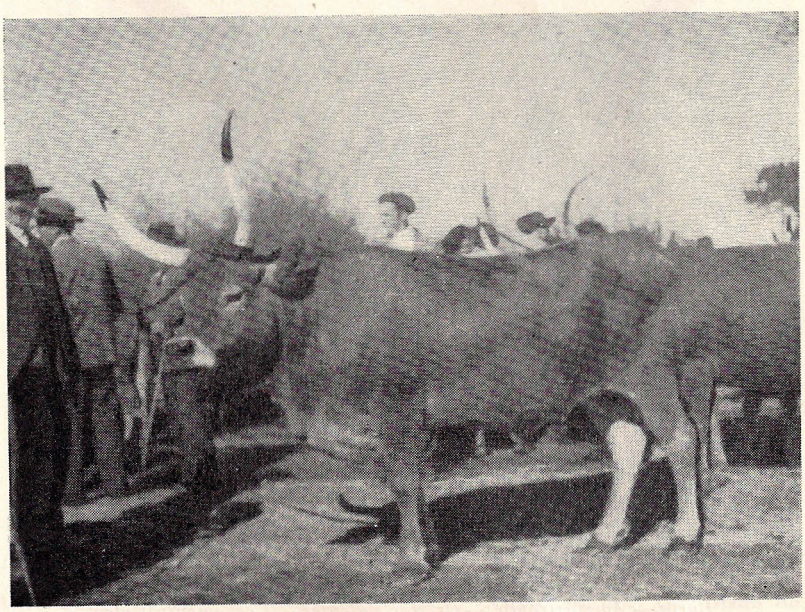


Foto 13

Vaca — Feira de PAREDES DO COURA

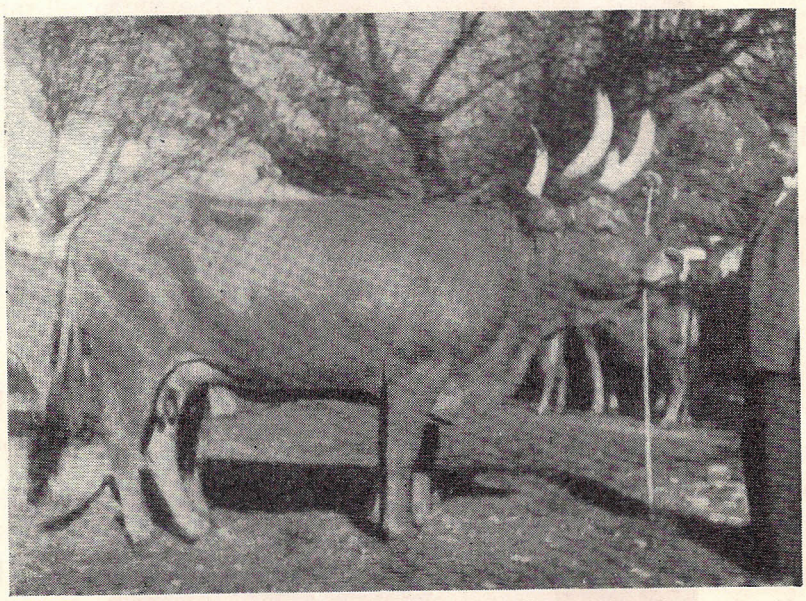
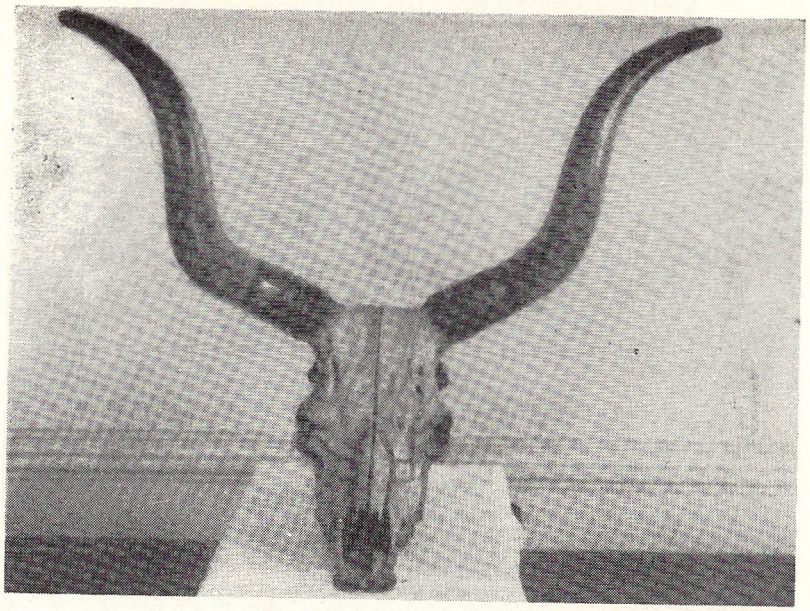


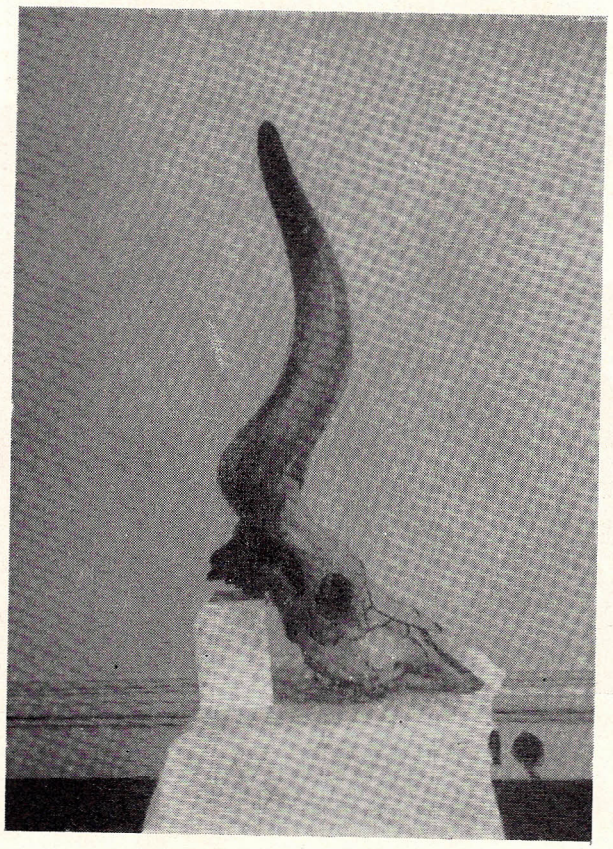
Foto 14

Vaca — PAREDES DO COURA — Garupa descaída



Caveira de vaca Foto 15

Curta — Amplo frontal — Órbitas salientes — Cornamenta típica



A mesma caveira, de perfil Foto 16

CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS

Afigura-se não devermos apresentar o *standard* da razão barrosã, porquanto constituindo ele o ideal desta e, pràticamente, de todas as raças bovinas destinadas à pluralidade de fins da barrosã, é fácil de conceber o seu descritivo geral.

Mais conveniente se torna descrever os seus caracteres morfológicos e apontar-lhe os principais defeitos.

É ainda o Prof. Bernardo Lima, que primeiramente a descreveu, que nos vai servir de guia na citação dos elementos somáticos que se seguem deste grupo étnico que tem «corpuratura meã, o rolo do corpo um pouco espesso, atirando para o arredondado».

VACAS

Pelagem — Castanho clara, tendendo para a cor de palha ou para o acerejado, sendo esta tonalidade mais frequente no Minho.

A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras.

Por vezes surgem manchas mais escuras na zona infra ou na supra orbitária, em indivíduos mais fuscos. Geralmente observam-se pêlos escuros no debrum das orelhas, na cutidura e na borla da cauda.

As manchas da região facial vão-se tornando, por vezes, mais extensas e carregadas à medida que vai avançando o estado de gestação das vacas. As mucosas das aberturas naturais são escuras.

Cabeça — curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira alta. O comprimento é duplo da largura tomada nas saliências orbitárias. A linha que liga os ângulos nasais das aberturas palpebrais fica muito aproximadamente a meio do comprimento da cabeça. Em alguns indivíduos de cabeça muito curta e mais acentuadamente côncava, a expressão é um tanto amacacada.

Fronte — quadrada, deprimida ao centro donde resulta pronunciada saliência da região orbitária. Encimada por pequena marrafa de pêlos não corredios, a protuberância frontal antes se representa por uma depressão entre a saída das cavilhas ósseas.

Face — curta, de larga base posterior.

Chanfro — direito, pouco saliente e arredondado.

Focinho — negro, largo, um pouco grosso e como que tendendo para o arrebitado, descorando-se a mucosa na orla labial e num curto filete mediano que parte do lábio. A orla é mais clara, sem atingir o branco.

Boca — larga, provida de lábio superior desenvolvido, bem pendente lateralmente.

Olhos — muito aflorados, dando o aspecto de olho de sapo.

Abertura palpebral e pestanas — escuras.

Orelhas — de tamanho médio, orladas quase sempre de pêlos mais escuros, providas interiormente de bastantes pêlos compridos, mas não formando pròpriamente pendurelhos.

Chifres — armação córnea excessiva, quer em comprimento, quer em espessura. Projectando-se à nascença quase verticalmente, os chifres desviam-se depois para os lados e, seguidamente, um pouco para a frente e para fora, por forma a apresentar, nos adultos, a figura de uma lira quando vistos de frente. Com exclusão da ponta que é escura, o resto do chifre é de um branco sujo. A sua secção é aproximadamente circular.

Pescoço — pouco comprido, reforçado sobretudo no bordo superior junto à cernelha, bem ligado à cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida, pendente sob a garganta, decota-se na origem do pescoço para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos joelhos.

Cernelha — muito pouco saliente, larga, fazendo transição insensível entre o pescoço e o dorso.

Costado — regularmente fundo e bem arqueado.

Dorso — medianamente comprido, largo e horizontal.

Peito — proporcionalmente largo, descido.

Espáduas — pouco compridas, mas largas e bem ligadas ao tronco.

Abdómen — pouco volumoso.

Lombos — de comprimento mediano, largos, estabelecendo perfeita ligação da garupa ao tórax.

Garupa — horizontal, larga e comprida. Em regra, é mais larga de quadris do que comprida e apresenta também boa largura isquiática.

Nádegas — largas, descidas, tendendo para o convexo, separadas por regular períneo.

Cauda — média inserção, comprida, terminando por uma regular bola de pêlos, em regra escuros.

Úbere — medianamente desenvolvido, sem evidentes sinais galactogénos, revestido de pêlos mais claros, espessos e compridos.

Membros — extremidades livres pouco desenvolvidas, bem aprumadas, pouco ossudas, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas.

Pele — grossa mas macia, formando rugas, principalmente, no pescoço. Nos animais adultos são também aparentes rugas na região supra-palpebral.

A pelagem descrita é própria de uma raça fusca que clareou mercê da passagem do seu regime de exploração manadio para o estabular, isto é, pelo avanço da sua domesticação e aperfeiçoamento.

As aberturas naturais são escuras nos animais típicos. Observam-se, porém, numerosas vacas com boa morfologia barrosã, em zonas de intensa criação desta raça, que revelam mucosas destas aberturas algo despigmentadas, associando-se a tal característica pestanas louras e borla da cauda da cor geral da pelagem. Trata-se, evidentemente, da influência ancestral da raça minhota ou galega com a qual a barrosã contactou no Minho e, outrora, certamente, também através da fronteira galiziana.

Dada a beleza destes indivíduos e dos seus descendentes e a dispersão que acusam, pois se encontram tanto no Barroso como no Minho, embora

mais nesta província, não podemos deixar de os considerar como dignos representantes da raça, muito embora em trabalho de selecção sejam de preferir animais sem estas tonalidades, as quais apenas poderiam ser consentidas nas fêmeas.

TOUROS

Os touros, como é natural nos tipos castanhos, são sempre mais escuros, particularmente no terço anterior.

Os seus caracteres morfológicos modificam-se no sentido de maior corpulência do que na vaca, tronco mais robusto, barbela mais desenvolvida, cabeça mais curta e mais larga, chifres mais grossos, embora geralmente um pouco mais curtos, mais dirigidos para a frente e para cima.

BOIS

Nos neutros a armação toma proporções extraordinárias, sendo bastante mais comprida, grossa e divergente. O seu comprimento atinge com frequência 1 metro, o perímetro 35 centímetros e a envergadura ultrapassa muitas vezes 1,5 metros. Os bois apresentam pelagem mais clara, sem o ofuscamento por vezes existente nas vacas e que é regra nos touros. São bastante mais corpulentos que os progenitores e o perfil neles não é tão acentuadamente côncavo.

DEFEITOS A CORRIGIR

Um dos principais defeitos da raça não se relaciona com a sua conformação, mas sim com o seu desenvolvimento; é a diminuta precocidade. Não só o crescimento acusa certa lentidão, como se verifica a tendência para o ananicamento. Vacas com 1,18 m. de altura na cernelha, muitíssimo vulgares no Minho, não devem figurar como representantes das suas irmãs do Barroso, que acusam com frequência mais 10 cm..

A enormidade da cornamenta é outro inconveniente que convém combater, mormente, no solar da raça, onde se observam maiores armações.

Do mesmo modo, embora não constitua grande defeito, poderia ser reduzida a amplitude da barbela.

No Minho verificam-se frequentemente garupas descaídas e um pouco estreitas, cuja correcção se torna necessária.

Também nesta província, na zona de produção de leite industrial, se apontam incorrecções de aprumos e de conformação geral, que são de combater através de um aleitamento mais perfeito das crias.

Quanto à pelagem e pigmentação das mucosas, convém eliminar aquelas que denunciem a influência galega, como as pestanas louras, a borla da cauda clara e a despigmentação de mucosas das aberturas naturais.

APONTAMENTOS BIOMÉTRICOS

Dada a escassez do tempo de que dispusemos para elaborar a presente monografia, não se tornou possível efectuar algumas centenas de mensurações, indispensáveis para sobre elas fazer recair estudo detalhado da composição biométrica da raça.

E se tomarmos em consideração que na interpenetração das zonas do bovino barrosão e do galego se produziram tipos mistos, de que eram, sem dúvida, representantes os denominados «bragueses», conviria saber pela análise das curvas gaussianas até que ponto subsistiriam estas influências estranhas no seio do barrosão.

Tal não foi possível, tendo-nos limitado a colher algumas mensurações em algumas zonas de mais intensa criação barrosã, designadamente nos concelhos de Montalegre, Fafe, Paredes de Coura e Vila Verde, e a compulsar elementos obtidos em Barcelos pelo Dr. José Pedro do Rosário.

Não vamos procurar médias entre frequências tão reduzidas, mas apenas apontar as mensurações obtidas em vacas adultas que, entre as observadas, possam traduzir as médias regionais. No quadro respectivo apresentaremos essas mensurações de animais de Barcelos, Fafe, Paredes de Coura e Montalegre. Julgamos útil indicar também algumas mensurações das vacas mais desenvolvidas que encontramos e, bem assim, de

algumas com que deparamos e podem constituir a média de tipos inferiores.

Por aquelas mensurações e pelo que nos foi dado observar, concluímos que é ainda no Barroso que podemos encontrar os melhores exemplares da raça; no Minho não se verificam fêmeas de tanta robustez como ali. Corroborando esta afirmação, constatamos que no Barroso não é comum observarem-se as variantes inferiores, tão frequentes no Minho.

Constitui, de facto, o Barroso como que o repositório dos melhores e mais puros animais da raça. É no planalto que se depara com exemplares de maior desenvolvimento e melhor conformação, não só quanto à estatura como à amplitude do tronco e à largura e horizontalidade da garupa, características estas das mais belas da raça. No concelho de Montalegre tornou-se-nos de todo evidente que as garupas, além de mostrarem largura ilíaca não inferior ao comprimento, denotavam notável afastamento das pontas dos ísquions, bastante mais que no Minho. Na região de Paredes de Coura e no Alto Minho, onde a raça mais contactou com outros bovinos, é mais frequente a menor largura da garupa em relação ao comprimento, certa estreiteza isquiática e menor horizontalidade da garupa, factos que podem imputar-se à influência galega.

No mesmo quadro apontamos, por mera curiosidade, as médias biométricas obtidas em 7 touros adultos que exerceram actividade em postos de cobrição do distrito do Porto. Idênticas mensurações indicamos do excelente touro «Famoso», quando, com 3,5 anos, esteve na área da Intendência de Pecuária de Braga.

Em relação a bois, não possuímos dados biométricos donde possamos extrair médias. Asseveramos, porém, que os bons bois, em regra escolhidos para as engordas da Páscoa, atingem com frequência mais de 145 cm. de altura no garrote, 210 cm. de perímetro torácico e 175 cm. de comprimento do tronco. Neles a cornamenta toma grandes proporções. O exemplar de trabalho fotografado tinha chifres com 90 cm de comprimento, 34 cm de perímetro na base e 145 cm de distância entre as pontas (fotos 19 e 20).

ALGUMAS MENSURAÇÕES DE BOVINOS BARROSÃOS (EM CM.)

Mensurações	VACAS								TOUROS	
	Tipos médios				Variantes				Média de 7 adultos — Porto	«Famoso» 3,5 anos — Braga
					Superiores		Inferiores			
	Barcelos	Fafe	Paredes de Coura	Montalegre	Montalegre (Sede)	Montalegre (Salto)	Vila Verde	Fafe		
Altura no garrote	123	121	122	125	129	128	118	118	133	134
Altura no meio do dorso	120	116	120	121	124	127	115	120	131	132
Altura na garupa	127	122	125	125	127	129	120	120	137	137
Altura na base da cauda	127	123	126	128	132	129	122	121	134,5	—
Comprimento do tronco	146	147	150	159	166	150	142	140	167	172
Altura do tórax	66	68	67	68	69	69	64	67	76	81
Largura do tórax	45	67	48	46	48	45	39	42	50	60
Comprimento da garupa	49	50	51	50	53	49,5	45	47	57,5	56
Largura da garupa	51	51	49	50	53	50	47	46	51	54
Largura isquiática	29	29	29	31	33	32	29	25	32	—
Altura do olecrânio	64	67	68	73	72	70	68	70	74	—
Perímetro torácico	177	176	178	180	188	182	169	170	205	218
Perímetro da canela	17,5	16,5	17	17,8	18,2	18	16,4	16,2	20,5	26
Comprimento da cabeça	42	44,5	45	45	49,5	45,5	44	45	—	48
Largura da cabeça (entre órbitas)	21	23	22,5	25	25	24	23	22,5	—	26
Comprimento do corno	—	49	55	62	76	54	56	53	—	—
Perímetro da base do corno	—	23	24	25,5	24	20	26	24	—	32,5

PASTAGEM NO BARROSO

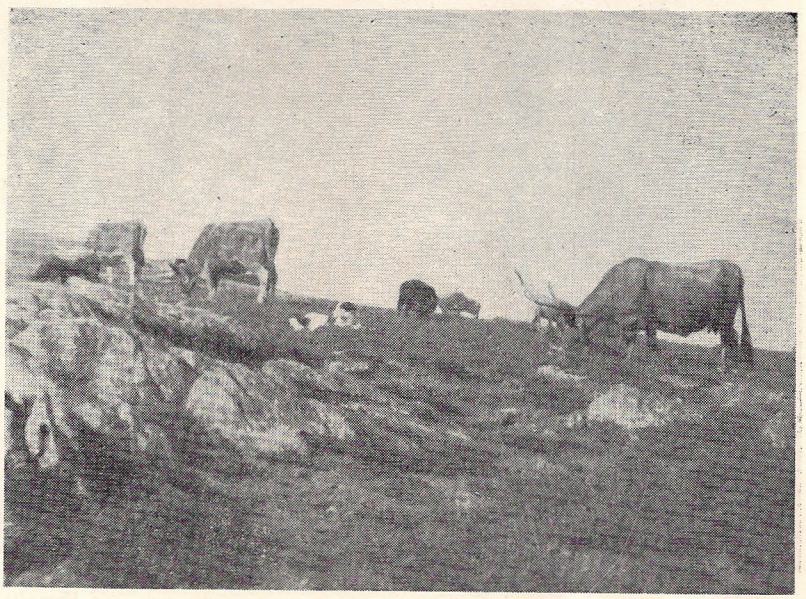


Foto 17

Em monte bravio — Notar a cornamenta desenvolvida, mais própria das vacas do BARROSO

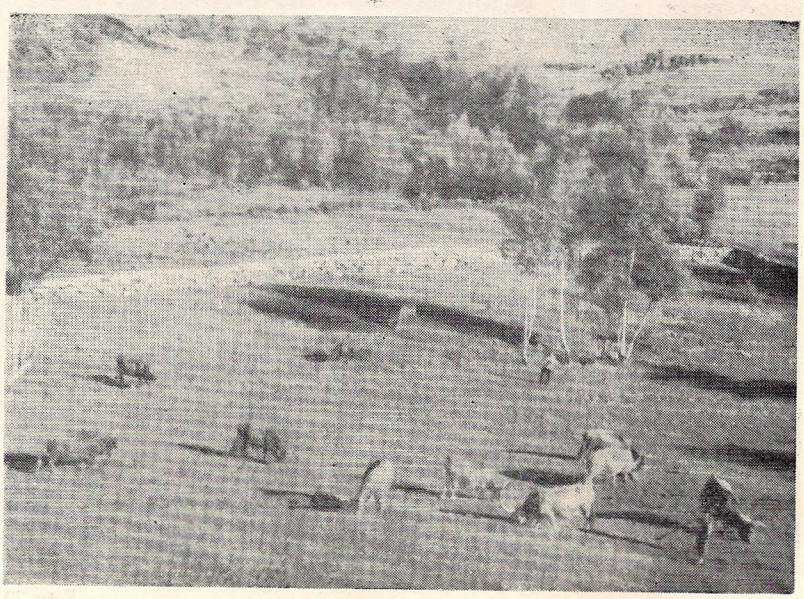


Foto 18

Em lameiro — Observar a presença de dois bois maroneses

BOIS DE TRABALHO

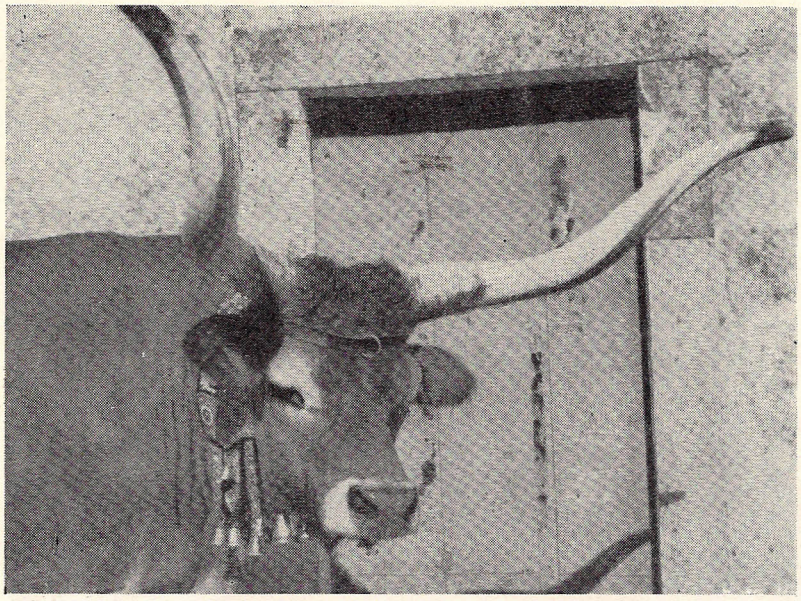


Foto 19

Boi de trabalho nascido no Barroso e recriado no concelho da Póvoa de Varzim

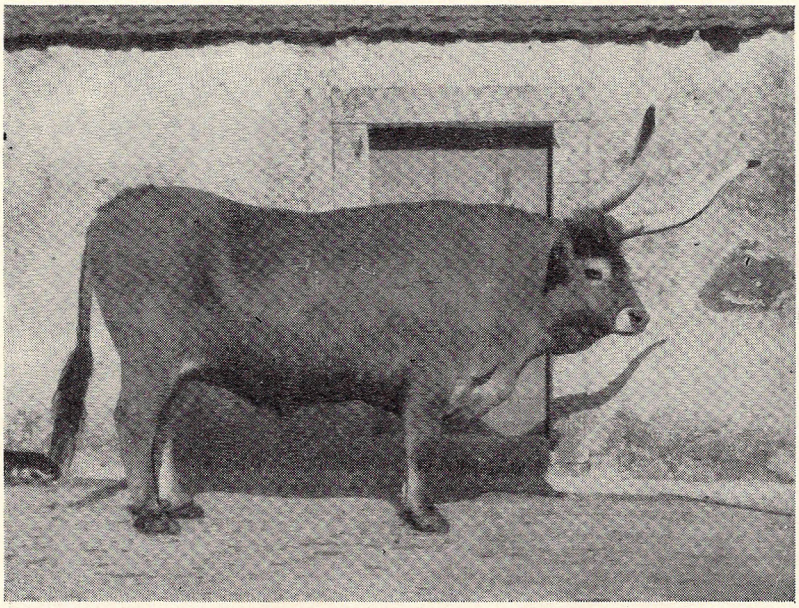


Foto 20

O mesmo boi aos 6 anos, 1,49 de altura na cernelha

BOIS DE ENGORDA

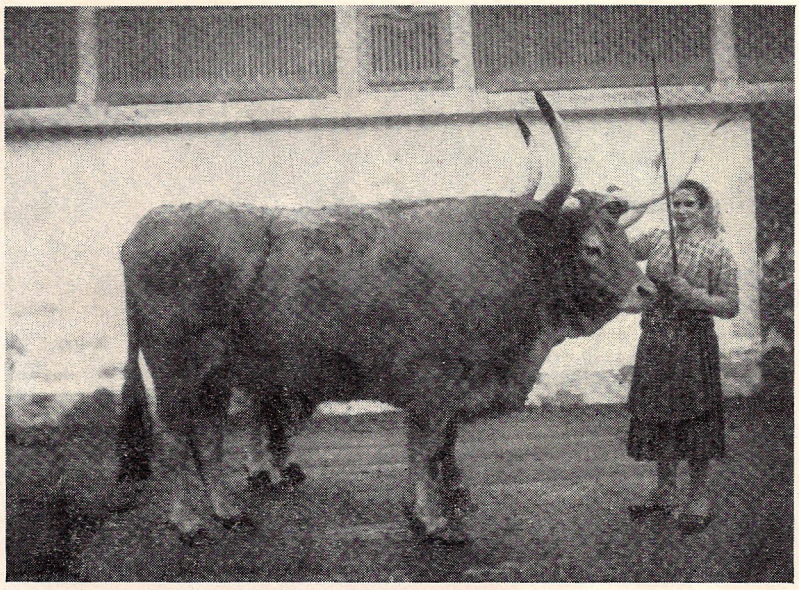


Foto 21

Bois cevados — Grimancelos — BARCELOS

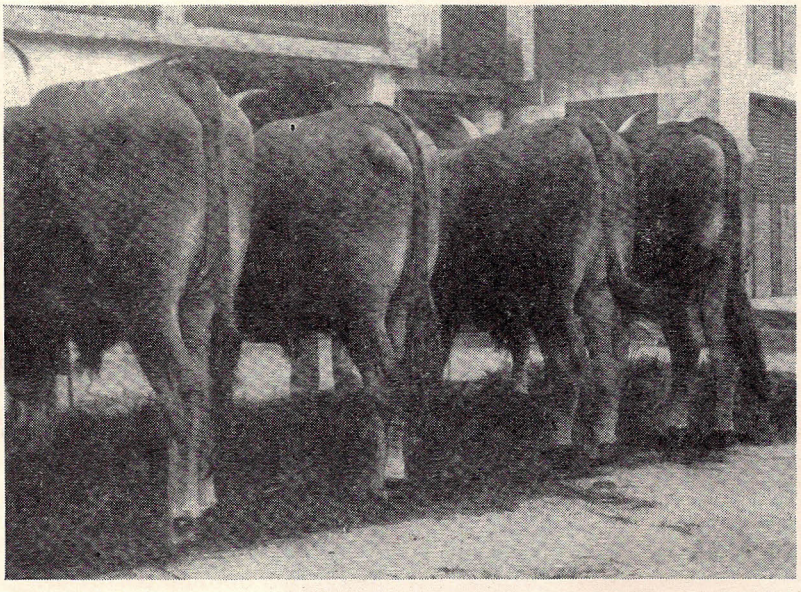


Foto 22

Duas juntas de bois em engorda — Grimancelos — BARCELOS

Foto 23



Boi excessivamente gordo

Observar a «Maçã do peito»

BARCELOS

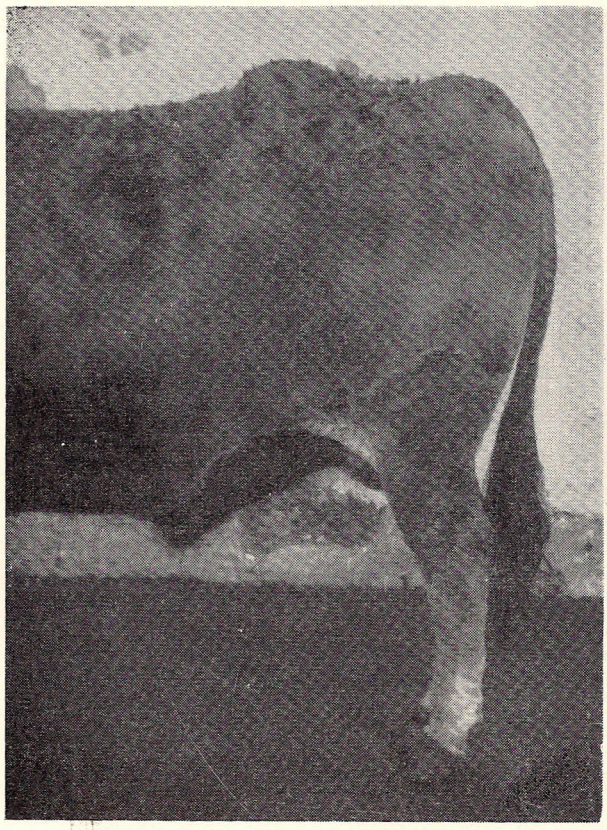


Foto 24

Outro boi da Matança da Páscoa

Gordura acumulada na «ponta da alcatra» na «pombinha» e no «escroto»

CARACTERÍSTICAS FUNCIONAIS

FERTILIDADE

São as novilhas barrosãs um pouco atrasadas no aparecimento do seu primeiro ciclo oestral. Contràriamente a novilhas de certas raças precoces, o primeiro cio aparece-lhe cerca do 15.º mês, sendo, em regra, levadas à cobrição aos 18 meses no Minho e mais tarde no Barroso, próximo dos 2 anos.

No Barroso as vacas são cobertas cerca de 3 meses após o parto, isto é, depois de deixarem de estar permanentemente com a cria. Como por vezes a cobrição não é fecundante, resulta nem sempre as vacas terem uma cria de ano a ano. Para mais, a brucelose, que se encontra disseminada pelo Barroso, determina abortos frequentes e apreciáveis prejuízos aos criadores. Com o fim de combater tal zoonose, a Intendência de Pecuária de Chaves vem praticando, no solar da raça, a vacinação das vitelas com a estirpe B 19, tendo os proprietários das vacas reconhecido a sua eficiência e procurado expontâneamente a protecção das jovens fêmeas.

Também algumas manchas de brucelose se têm identificado na zona serrana de criação do distrito de Braga.

Os touros, tanto no Barroso como no Minho, não ultrapassam, em regra, o 6.º ano em serviço de cobrição. Como é regulamentar são submetidos à inspecção sanitária e aprovação dos Serviços Pecuários.

As vacas, quando de boas características, são conservadas no Barroso até aos 15 e mesmo 17 anos. No Minho a sua substituição faz-se mais cedo.

Dos elementos já referidos, relativos ao abate de 2004 vacas no Matadouro Municipal de Braga, constata-se que as idades mais frequentes em que são abatidas são os 6 e 9 anos. A primeira daquelas idades e as mais próximas devem corresponder ao desânimo dos criadores perante as causas de infecundidade; a segunda e seguintes coincidirão com a época em que normalmente no Minho se deve dar o refugo.

De um modo geral, admitimos que a fecundidade barrosã, no actual estado sanitário, ande por volta de 70 % no Barroso e 75 % no Minho.

PRODUÇÃO DE LEITE

A vaca barrosã como animal destinado a três fins não pode distinguir-se na produção de leite. É, certamente, mesmo das fêmeas bovinas autóctones que se têm como de função mista, aquela que menor volume de leite deve produzir. Essa reduzida produção é, porém, compensada pela riqueza butirosa do leite.

Escassas são as boas fontes de informação sobre a produção de leite desta raça.

O Prof. Silvestre Bernardo de Lima, quanto há um século escreveu sobre o Barroso, atribuiu àquelas vacas uma produção de cerca de 1200 litros, sem que para tal dispusesse de elementos concretos sobre a produção de avultado número de animais. Veremos como essa estimativa é bastante correcta.

Por dados colhidos no Grémio da Lavoura de Viana do Castelo e relativos às entregas de dezenas de produtores em alguns postos de recepção de leite exclusivamente barrosão, situados nos concelhos de Vila Nova da Cerveira e de Paredes de Coura, chegamos a uma média diária de entrega de 2,45 litros por cabeça, o que no fim do ano representa 894 litros. Se acrescentarmos a este número 270 litros, que calculamos dever a cria mamar em 45 dias, obteremos uma produção total de 1164 litros, isto é, lactações médias de 1150 litros.

Por sua vez o Dr. Silva Dias, em relatório datado de Maio de 1949, fez o apuramento das produções das vacas barrosãs pertencentes ao Posto

Zootécnico de Viana do Castelo que dirigia, apresentando as médias que a seguir se transcrevem:

2 anos	577,225	kgs.
3 anos	857,775	»
4 anos	1 068,900	»
5 anos	1 257,113	»
6 anos	1 162,817	»
7 anos	1 194,700	»
8 anos	1 107,600	»
10 anos	967,875	»

Nas vacas daquele estabelecimento observaram-se variações entre limites bastante afastados, que iam de menos de 500 litros a 1525. As produções mais frequentes situaram-se entre 1000 e 1250 litros e a média geral em 1106 litros.

Por estes números se verifica que a capacidade leiteira das vacas barrosãs calculada pelo Prof. Bernardo Lima, sem o apoio de medições rigorosas e em grande número, não se afastava do que mais tarde se veio a comprovar: — que a vaca barrosã tem produções mais frequentes entre 1000 e 1200 litros de leite.

Ainda do interessante estudo do Dr. Silva Dias extraímos elementos que nos dão a média de produção mensal em vacas que vão de 2 a 11 anos.

Período	Leite produzido	Vacas em lactação
No 1.º mês	191,5 kgs.	24
No 2.º «	224,9 «	24
No 3.º «	197,1 «	24
No 4.º «	170,9 «	24
No 5.º «	156,8 «	22
No 6.º «	107,4 «	19
No 7.º «	82,6 «	14
No 8.º «	55,9 «	6

Por este quadro se observa que, a partir do 5.º mês, isto é, após a desmama da cria, as vacas barrosãs declinam ràpidamente a produção e secam.

Quanto à riqueza butirosa do leite barrosão já o Prof. Bernardo Lima tinha concluído que 18 litros de leite produziam 1 kg. de manteiga, no Barroso, o que corresponderia a uma riqueza butirosa de 4,7 %.

Nós encontramos, nesta zona, lavradores que nos asseveraram produzir 1 kg. de manteiga com menor quantidade. Observamos ali uma vaca a produzir 6 litros de leite após a desmama normal da cria, cujo proprietário nos garantiu que com a produção de menos de 3 dias fabricava uma bica de manteiga de um quilo. Admitindo que aquele fabrico carecesse de 16 litros de leite, a riqueza butirosa média seria de 5,3 %.

Por sua vez, a Delegação no Porto da Junta Nacional dos Produtos Pecuários e o Grémio da Lavoura de Viana do Castelo forneceram-nos elementos relativos à riqueza butirosa do leite barrosão entregue em postos de recolha situados nos concelhos de Vila Nova da Cerveira, Paredes de Coura, Arcos de Valdevez e Ponte da Barca, em relação a postos que seguramente só recebem leite desta raça. Os elementos da Junta Nacional dos Produtos Pecuários levam-nos à conclusão que a média geral é de 4,83 % de gordura, com variantes que vão de 3,8 a 5,5 % no leite global recebido em cada posto.

Reconhece-se, no entanto, que esta média deve ser um pouco inferior à real, não já sòmente por haver a possibilidade dos lavradores ou carreteiras o aguarem um pouco, mas certamente porque os produtores, enquanto mantêm as crias, mungem incompletamente as vacas, deixando ficar para as crias o leite final, mais butiroso.

A observação que fizemos, no Grémio da Lavoura de Viana do Castelo, de algumas produções individualizadas levam-nos à média de 5,0. As maiores frequências registaram-se entre 5,2 e 5,6; porém, como aos leites mais butirosos correspondem menores produções, a média geral desceu para o nível atrás apontado, com a qual é possível fazer um quilo de manteiga utilizando 16,7 litros de leite, o que está de acordo com as informações colhidas no Barroso.

Nem em todos os concelhos da área da criação barrosã as vacas são exploradas na sua função lactígena.

Esta constitui a mais das vezes um suplemento apreciável, mas não imprescindível, do rendimento do casal agrícola.

Enquanto que no Barroso, nas freguesias mais dedicadas à criação, se mungem as vacas apenas depois da ablactação das crias, a partir do 5.º mês, no Minho, nas zonas onde se pratica para entrega do produto à indústria, a mungição inicia-se ao mês e meio do parto. Esta realiza-se na maioria das vacas dos concelhos de Vila Nova da Cerveira e de Caminha; bastante nos de Paredes de Coura e de Viana do Castelo e raramente nos de Barcelos, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e Valença. Nos restantes concelhos do Minho as vacas não são ordenhadas, por via de regra.

Em geral, são mungidas tanto mais vacas quanto mais postos de recepção de leite se vão instalando, tornando-se evidente que estes contribuem para o fomento da exploração lactígena que, pelo menos quanto à raça barrosã, se traz ao lavrador algum proveito imediato, contribui para o definhamento da descendência por insuficiência de aleitamento.

Para avaliarmos da reduzida importância que no cômputo geral do efectivo barrosão tem a sua produção leiteira para fins industriais, basta citar o número de postos existentes nestes concelhos e o leite barrosão que aproximadamente recebem por dia.

	N.º de postos	Litros
Arcos de Valdevez	2	650
Barcelos	1	380
Caminha	5	510
Paredes de Coura	2	900
Ponte da Barca	1	40
Ponte de Lima	5	520
Valença	1	200
Viana do Castelo	2	220
Vila Nova da Cerveira	11	1 020
Total		*4 440*

Regista-se ainda, além deste leite industrial, o abastecimento de leite barrosão às sedes de alguns concelhos entre os quais destacaremos Arcos

de Valdevez, Vila Nova da Cerveira, Paredes de Coura, Valença e, na época termal, Melgaço.

Ainda não há três décadas que a cidade de Braga era abastecida principalmente por leite barrosão. Hoje o número destas vacas é muito pequeno, tendo sido substituídas por turinas.

Pode pois resumir-se que em toda a área minhota respeitante à criação barrosã, sòmente em restrita zona, que se estende de Ponte da Barca a Vila Nova da Cerveira, se procede à ordenha da vaca barrosã com certa regularidade. Nesta área em que mais intensamente se explora a produção leiteira da raça, as crias são desmamadas com cerca de um mês e meio, salvo certas excepções de lavradores mais esclarecidos que prolongam até 3 meses o aleitamento. É evidente que as crias que não entram no matadouro suportam carência alimentar até que as funções digestivas supram suficientemente a falta de alimento tão rico em princípios biológicos essenciais. Daí os defeitos de conformação e certa estreiteza de formas, particularmente o desaprumo dos membros posteriores que se observa nos bovinos da região (Foto 25).

Contràriamente, no Barroso, o leite é até aos cinco meses destinado às crias, sendo preceito ali escolher, para recriar, as vitelas que sejam filhas das melhores leiteiras.

Sòmente depois da cria desmamada as vacas são mungidas quando dão o leite com facilidade à mão e em certa quantidade. Deste modo, aquele produto não entra com grande frequência na alimentação dos proprietários das vacas. As crias são concessionárias de todo o leite, tornando-se necessário haver causa de força maior, como doença de pessoa de família, para as vacas serem ordenhadas, enquanto não se der a ablactação.

No Barroso o leite é utilizado em regra com farinha de centeio, sob a forma de papas, ou com pão como fazem os pastores.

Não observamos ali que o leite fosse utilizado na produção de queijo. Mesmo quanto à produção de manteiga parece ter diminuído bastante interesse pelo seu fabrico, porquanto na vila de Montalegre e noutros pequenos centros de consumo do Barroso se prefere a manteiga industrial, talvez mais sápida e não tendo o paladar desagradável, um pouco a queijo e, por vezes, a ranço, que a de fabrico caseiro frequentemente apresenta.

Dizer da forma como é produzida a manteiga no Barroso seria talvez supérfluo. No entanto, porque ela é a expressão multissecular desse fabrico, vamos resumi-la:

O leite, imediatamente após a mungidura, é deitado em púcaros de barro, de cerca de um litro, que no Inverno se colocam próximo da lareira para combater a temperatura muito baixa dessa estação. Passados dois dias, é retirada com uma colher de madeira a «cabeça» (nata) que se formou e colocada numa tigela ou púcaro. Assim se vai procedendo todos os dias até haver nata em quantidade para a produção de uma «bica» de manteiga. Desde que tal se dê, por vezes só ao fim de oito dias, a nata é batida com uma colher de pau ou mesmo com a mão, até granular e se obter a manteiga, procedendo-se à lavagem desta em várias águas enquanto se efectua a batedura.

O leite subjacente à nata, já coalhado, entra na alimentação dos suínos, quando não é consumido por alguém da casa que tal aprecie.

PRECOCIDADE

Escassos elementos possuímos sobre o desenvolvimento somático dos bovinos barrosãos.

As médias de peso com que as vitelas barrosãs têm sido entregues no Matadouro Municipal de Braga, tomando como fonte de informação um trabalho do antigo Intendente de Pecuária daquele distrito, Dr. Beleza Ferraz, relativo ao desenvolvimento do gado bovino barrosão, são as seguintes:

2	meses	48 kgs.
3	»	74 »
4	»	84 »
5	»	107 »

Verifica-se assim que, do segundo para o terceiro mês, os adolescentes repõem 16 kgs. e nos dois meses seguintes 20 e 23 kgs.

Por outro lado, o Dr. Silva Dias, no repositório da actividade do Posto Zootécnico de Viana do Castelo, observou pesos à nascença de 24 a 32 kgs., com a média de 27 kgs., e atribuiu aos vitelos criados nas condições tradicionais da exploração agro-pecuária e aos criados naquele estabelecimento zootécnico os seguintes pesos vivos:

Idades	Criados pela lavoura	Criados no posto
2 meses	70 kgs.	76 kgs.
3 »	79 »	93 »
4 »	100 »	114 »
5 »	113 »	135 »
6 »	128 »	154 »

Para os novilhos apresenta ainda o mesmo director do Posto Zootécnico de Viana do Castelo, os números que vamos referir sem, contudo, podermos indicar se se trata de animais de ambos os sexos ou de um apenas.

Idades	Criados pela lavoura	Criados no posto
10 meses	137 kgs.	220 kgs.
14 »	153 »	244 »
16 »	170 »	275 »
17 »	183 »	278 »
18 »	193 »	286 »

No referente a adultos, os elementos não são mais abundantes.

Por amabilidade do Dr. José Pedro do Rosário, actual Intendente de Pecuária de Braga, foi possível compulsar notas suas relativas a pesos vivos de cerca de uma centena de vacas e bois abatidos no Matadouro Municipal de Braga, donde extraímos as médias de 508,4 kgs. para bois e de 333,1 kgs. para vacas.

No Matadouro Municipal do Porto conseguimos ainda apurar que o Dr. José Carvalho tinha, entre 61 bois em bom estado de carnes, encontrado o peso médio de 510,44 kgs.

Concluiremos, pois, para os bovinos barrosãos os seguintes pesos médios:

À nascença	27 kgs.
Aos 5 meses (desmama)	110 »
Vacas adultas	330 »
Bois adultos	500 »

Interessante seria saber em que idade os bovinos barrosãos alcançariam o seu desenvolvimento máximo, dada a voz corrente de que esta raça só atingiria a plenitude próximo dos 7 anos. Para tal foram ainda os dados obsequiosamente cedidos pelo Dr .José Pedro do Rosário de que nos socorremos.

Entre pesagens efectuadas, durante os anos de 1941 a 1943, de 1201 carcaças de bois e de 2004 de vacas, divididas por idades, conforme o mapa junto, obtivemos a prova de que tanto os bois como as fêmeas atingem o seu máximo desenvolvimento aos 6 anos, sendo, porém, pouco sensível o acréscimo registado do 5.º ao 6.º; do 7.º ano em diante, as reses entram em declínio, esgotadas pelo trabalho e acusando natural dificuldade para a engorda.

Ainda a propósito de precocidade, é voz corrente admitir-se que os vitelos ou vitelas descidos do Barroso para as colinas do Minho se desenvolvem mais do que no seu solar de origem. Não cremos que tal se confirme.

Temos observado vacas trazidas na adolescência do Barroso para o Minho e, se bem que reconheçamos serem mais desenvolvidas do que as nascidas aqui, não concluímos por isso que sejam de maior estatura do que as que ficaram no Barroso. Quanto aos touros, embora muitos dos existentes na região minhota tenham nascido em qualquer ponto do Barroso, não são, por via de regra, superiores aos que ainda se podem observar no solar de origem.

Em relação aos bois, é na verdade impressionante o desenvolvimento que alguns atingem nas várzeas minhotas. Porém, dada a inexistência de bois desta raça em terras de Barroso, não tem sido possível estabelecer a necessária comparação.

BOVINOS BARROSÃOS ADULTOS ABATIDOS, DE 1941 A 1943, NO MATADOURO MUNICIPAL DE BRAGA

Idades	Bois		Vacas	
	Cabeças	Peso limpo médio	Cabeças	Peso limpo médio
3 anos	13	183,1	20	144,2
4 »	76	223,9	55	159,7
5 »	318	253,1	169	162,3
6 »	462	265,6	365	169,0
7 »	185	265,5	291	170,4
8 »	73	264,2	266	168,1
9 »	43	261,6	364	161,4
10 »	19	244,8	260	161,6
11 »	4	235,0	37	162,1
12 »	2	189,5	68	163,8
13 »	2	206,5	74	165,1
14 »	2	231,5	13	172,1
15 »	2	223,5	22	152,4
Total	**1 201**		**2 004**	
Peso limpo médio	*257,7*		*165,1*	

PRODUÇÃO DE CARNE

Rendimento

Por deferência do director do Matadouro Municipal do Porto pudemos obter elementos relativos a pesos limpos médios dos bovinos adultos e adolescentes barrosãos abatidos naquele Matadouro, de 1947 a 1958, os quais transcrevemos:

Anos	Adultos kg.	Adolescentes kg.
1947	259,2	43,1
1948	256,9	42,9
1949	248,8	40,3
1950	261,7	46,8

Anos	Adultos kg.	Adolescentes kg.
1951	248,4	59,7
1952	255,1	53,1
1953	255,5	48,6
1954	260,3	52,1
1955	220,3	52,0
1956	236,4	56,2
1957	261,1	66,3
1958	251,7	56,2

No tocante a vitelas, convém estar de sobreaviso quanto à escala ascendente de pesos médios que se observa em certas sucessões de anos; ela representa, sem dúvida, uma crise de abastecimento e, consequentemente, a admissão nas salas de matança de muitas vitelas «cavilhanas», isto é, já idosas, como se evidencia pelas pontas desenvolvidas, embora atrofiadas de corpo.

O desenvolvimento do ano de 1958, quanto a pesos limpos de adultos e adolescentes, consta dos mapas seguintes extraídos de elementos da Delegação da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, por amabilidade do Ex.^{mo} delegado no Porto. Deles se conclui que o peso médio das carcaças de machos foi de 282,1 kgs., o das vacas de 180,3 kgs. e o das vitelas de 56,2 kgs.

Segundo dados fornecidos pelo Dr. José Pedro de Rosário relativos a um estudo sobre os rendimentos de bovinos adultos e adolescentes abatidos em Braga, estes seriam para:

Vitelas	55,6 %
Vacas	50,9 %
Bois	57,3 %

Quanto a rendimento podemos ainda utilizar elementos de um estudo do Dr. José de Carvalho que obteve 55,57 % para bois abatidos no Porto.

PESOS LIMPOS DE CARCAÇAS, NO MATADOURO MUNICIPAL DO PORTO, EM 1958

a) *Bovinos adultos barrosãos*

Meses	Machos		Fêmeas	
	Cabeças	Pesos limpos	Cabeças	Pesos limpos
Janeiro	52	15 002	18	3 095
Fevereiro	57	18 140	9	1 553
Março	32	9 930	3	492
Abril	43	14 272	3	511
Maio	47	13 968	10	1 768
Junho	67	17 908	18	2 992
Julho	68	16 948	15	2 653
Agosto	41	10 769	14	2 394
Setembro	56	14 961	37	6 587
Outubro	76	19 383	69	12 383
Novembro	68	19 301	49	9 753
Dezembro	64	18 738	41	7 376
Total	**671**	**189 320**	**286**	**51 557**
Pesos limpos médios		*282,1*		*180,3*

b) *Vitelas barrosãos*

Meses	Cabeças	Pesos limpos	Pesos médios
Janeiro	854	46 029	53,9
Fevereiro	790	38 963	49,3
Março	1 140	55 151	48,4
Abril	1 217	65 847	54,1
Maio	847	47 896	56,5
Junho	965	59 763	61,9
Julho	727	44 559	61,3
Agosto	1 030	55 599	54,0
Setembro	865	49 823	57,6
Outubro	985	58 782	59,7
Novembro	697	44 952	64,5
Dezembro	683	40 196	58,9
Total	**10 800**	**607 560**	
Peso limpo médio			*56,2*

Considerando os índices obtidos em Braga para vitelas e vacas e o calculado no Porto para bois, e aplicando-os às carcaças produzidas em 1958, no Matadouro do Porto, obtemos os seguintes pesos vivos:

Adolescentes	101	kgs.
Vacas	354,2	»
Bois	507,6	»

os quais se aproximam bastante daqueles que mencionamos como pesos vivos médios da raça.

Estivas de subprodutos e desmancho

Reportamo-nos ainda aos apuramentos do Dr. José de Carvalho, obtidos há cerca de 15 anos no Matadouro Municipal do Porto, resultantes do trabalho sobre 61 bois barrosãos em bom estado de carnes, observa-se o seguinte rendimento médio em carcaças e subprodutos:

Peso bruto (vivo) médio	510,44	kgs.
Peso médio da carcaça com língua e rins ...	287,21	»
Rendimento em carne limpa	*56,26*	%
Colada (fressura completa)	17	kgs.
Sangue	14,88	»
Cabeça	15,645	»
Pança vazia	9,319	»
Folhoso vazio	5,164	»
Intestinos vazios	5,459	»
Pés e mãos (com unhas e pele)	9,366	»
Sebo de 1.ª	7,801	»
Sebo de 2.ª	9,734	»
Desperdícios	1,178	»
Chifres	4,7	»
Couro	39,006	»

Num boi de 6 anos inscrito no Concurso Nacional de Carcaças, realizado no Porto em Junho de 1959, com 722 kgs. de peso vivo e um rendimento de 58,6 %, observaram-se os pesos de carcaça, de subprodutos e de

desmancho (½ carcaça) constantes dos mapas anexos. O companheiro deste boi pesou 689 kgs. e deu uma carcaça de 397 kgs. — rendimento: 57,6 %.

Raras estivas de desmancho de carcaças pudemos observar relativas a bois barrosãos. De resto, os desmanchos feitos conforme o corte do Porto não permitem fácil comparação com o efectuado no citado boi, cuja estiva foi obtida com o corte de Lisboa.

No entanto, apresentamos o resumo do desmancho de $^1/_2$ boi barrosão, classificado de categoria «especial», cujos elementos nos foram fornecidos pela Delegação da J. N. P. P.

CONCURSO NACIONAL DE CARCAÇAS DE 1959

Boi barrosão abatido no Matadouro Municipal do Porto

Idade	6 anos
Altura do garrote	1,55 m.
Comprimento do tronco	1,90 »
Perímetro torácico	2,14 »

Peso vivo		722 kgs.
Peso limpo (4 quartos, língua e rins)	423,000 kgs.	
Sangue	30,000 »	
Cabeça	19,100 »	
Fressuras	22,200 »	
Pleuras	0,270 »	
Véu do coração e costaneira	1,770 »	
Limpeza da sangria	1,450 »	
Estômago cheio	103,580 »	
Epiplon (manta)	18,250 »	
Intestinos delgado e grosso completos	34,000 »	
Recto e anus	1,170 »	
Bexiga vazia	1,150 »	
Vergalho	0,260 »	
Mãos e pés completos	11,300 »	
Chifres	5,500 »	
Couro, em verde	49,000 »	
Rendimento	*58,6 %*	722 kgs.

Peso da língua	3,350	kgs.	
Peso do estômago vazio	23,500	»	
Peso da dobrada	17,950	»	
Peso do intestino delgado, limpo	4,850	»	(com 42 metros)
Peso do intestino grosso, limpo ...	6,000	»	(com 10 metros)
Peso dos mesentérios	14,230	»	
Peso das mãos e pés depois de preparados	9,710	»	
Peso das unhas e machinhos	1,040	»	

CONCURSO NACIONAL DE CARCAÇA DE 1959

BOI BARROSÃO

Desmancho de 1/2 carcaça, segundo o corte de Lisboa, efectuado no Matadouro Municipal do Porto (Peso 209 kg.)

Peças	Quarto traseiro c/ língua				Quarto dianteiro		
	Carne	Ossos	Gordura	Completo	Carne	Ossos	Completo
Total	**70,300**	**11,905**	**20,795**	**103,000**	**103,740**	**2,260**	**106,000**
Lombo	3,970	—	—	3,970	—	—	—
Vazio	8,650	2,750	—	11,350	—	—	—
Pojadouro	12,080	0,640	—	12,620	—	—	—
Chã de fora	10,735	—	—	10,635	—	—	—
Alcatra	10,545	2,930	—	13,375	—	—	—
Rabadilha	6,655	2,865	—	9,420	—	—	—
Aba descarregada	11,760	0,250	—	11,910	—	—	—
Chambão	2,540	2,470	—	4,840	—	—	—
Rim	0,515	—	—	0,515	—	—	—
Língua	2,850	—	—	2,850	—	—	—
Acém redondo	—	—	—	—	13,940	—	12,005
Acém comprido	—	—	—	—	15,600	—	10,315
Pá	—	—	—	—	21,720	—	21,985
Prego do peito	—	—	—	—	3,180	—	4,530
Peito alto	—	—	—	—	7,900	—	6,965
Maçã do peito	—	—	—	—	11,650	—	8,585
Cachaço	—	—	—	—	14,030	—	11,010
Aba carregada	—	—	—	—	11,115	—	6,360
Chambão	—	—	—	—	2,035	2,260	4,310
Coberta do acém	—	—	—	—	2,570	—	2,580
Gordura rilada	—	—	9,640	9,640	—	—	—
Gordura das peças ...	—	—	11,155	11,155	—	—	—
Rabo	—	—	—	—	—	—	—

Carne sem osso	74,160	kgs.
Ossos	18,840	»
Gorduras	11,360	»
Tendões e aponevroses	0,565	»
Rim	0,300	»
Enxugo	0,775	»
	106,000	»

Outra meia carcaça de boi barrosão, classificado de segunda categoria, acusou os seguintes pesos:

Carne sem osso	70,405	kgs.
Ossos	17,870	»
Gorduras	5,995	»
Tendões e aponevroses	0,575	»
Rim	0,420	»
Língua	2,080	»
Enxugo	0,175	»
	97,500	»

Conclui-se destes exemplares que o peso do osso em relação ao da carcaça é para o primeiro de 17,77 % e para o segundo de 18,32 %, o que não demonstra vantagem da raça barrosã nesse pormenor, em relação a bois de outras raças autóctones abatidos no Matadouro Municipal do Porto.

Aptidão para a engorda e qualidade da carne

Foi a raça barrosã de sempre considerada como a nossa melhor raça de talho.

Já o ilustre Mestre Bernardo Lima se referia a ela do seguinte modo quando, cerca de 1860, exportávamos 5000 bois gordos: «Nem todo o gado que se exporta pela barra do Douro para Inglaterra é barrosão». Com eles

seguiam também arouqueses e alguns galegos. «Mas arouqueses e galegos entram quando muito, por 1/3 nessa exportação, reduzindo-se de dia para dia esse número à medida que aparecem reses barrosãs cada vez mais finas e corpulentas, sobrelevando estas aquelas, além da qualidade da vianda, por serem menos melindrosas na travessia do mar».

Concluimos, pois, que por ano exportavamos cerca de 3300 bois barrosãos, — os «bois do barco», como na região lhe chamavam e constituiam o orgulho das boas casas agrícolas — e que, à medida que a selecção do gado barrosão se ia fazendo e iam aparecendo bois cada vez mais corpulentos, estes eram preferidos para embarque por serem mais fino-gordos, mais pesados e terem carne de melhor qualidade.

Deste texto do Mestre tiramos a primeira ilacção relativa aos efeitos positivos do movimento melhorador da raça no concernente à precocidade e ao peso vivo. A última respeita à aptidão destes bovinos como animais de talho.

Embora se sinta a decadência que vem atingindo os bovinos originários do planalto montalegrino, ainda hoje é considerada na região a melhor rês de talho, não só pela qualidade da sua carne, como pela sua aptidão cevatriz.

Quanto à carne, às massas musculares, observa-se que ao corte apresentam cor mais clara, menos sanguínea do que a das outras raças, particularmente a dos bois turinos, por maior riqueza de gordura intestinal. De tal resulta que a carne se torna mais tenra e mais sápida.

Por outro lado, o boi barrosão apresenta, quando não excessivamente gordo, a gordura regularmente distribuída, tanto em cobertura como intermeada nos próprios músculos, o que lhe dá um belo aspecto marmoreado. A aparência da gordura é mesmo um pouco diferente do das outras raças que se exibem nos Matadouros, tendo a tonalidade mais ligeiramente creme.

Em referência à aptidão cevatriz não resta dúvida que ela suplanta as outras raças regionais. Esta aptidão é já expressa no facto dos bois de trabalho, sóbrios na sua alimentação, se encontrarem, em regra, em meio estado de carnes. Quem atravessar a zona litoral minhota notará por certo que o gado barrosão se encontra regularmente nutrido enquanto que os representantes de outras raças se mostram, pelo geral, em menor estado de

carnes, o que parece comprovar a sua boa capacidade transformadora da forragem.

Basta, na verdade, aos bois barrosãos meterem-se em repouso alguns meses no «aido» para ficarem em óptimas condições de talho.

Não se limitavam antigamente as boas casas agrícolas, nem se limitam ainda algumas, à simples engorda comercial dos bois que atingiram a sua maturidade. As cevas eram levadas ao exagero, a ponto de produzirem animais que rendiam 600 kgs. no Matadouro, os afamados «bois de barco» de 40 arrobas.

Os hábitos não se perderam de todo, nem depois de ter sido sancionada pelo Organismo competente a eliminação da gordura das carcaças considerada excessiva, nem desde que há duas décadas o preço dos bovinos barrosãos de talho passou oficialmente a estar nivelado com o das restantes raças do Norte, quando entre a marchanteria a carne barrosã se cotava por preço nìtidamente superior. Ainda hoje nos concelhos em que os talhantes se auto-abastecem, os preços livres dos bois barrosãos ultrapassam os dos restantes, com excepção, por vezes, do gado arouquês.

Pouco antes da Páscoa ainda é uso, nas regiões onde se pratica a ceva, um ou outro lavrador franquear as portas para apresentar os seus bois gordos destinados à grande matança de Sexta-feira Santa.

Revelam-se então, agora em reduzido número, bois evidenciando, à simples vista, grandes acumulações de gordura, principalmente na virilha e na maçã do peito. Trata-se, evidentemente, de engordas excessivas, anti-económicas, que demoraram um ano ou mesmo mais e cujas reses, como se ouve dizer, dão prejuízo a três: a quem as ceva, a quem as corta e a quem as come.

Apontamos, por exemplo, um proprietário do concelho de Barcelos que por ano ceva duas, quando não três juntas, até atingirem o aspecto que apresentamos nas fotos 21 a 24.

De 1954 a 1958, por exemplo, os pesos das carcaças mais pesadas dos bois cevados naquela casa agrícola, foram os seguintes:

1954	.....	632 kgs.
1955	.....	612 »
1956	.....	569 »
1957	.....	664 »
1958	.....	600 »

Atribuindo a esses bois um rendimento de 61 %, concluímos que pesavam em vida, respectivamente, 1036, 1003, 933, 1088 e 983 kgs.

A propósito do rendimento de reses extremamente gordas, devemos estar de sobreaviso quanto ao grau de limpeza da gordura efectuada nas carcaças. Segundo várias citações, registavam-se antigamente bois, como os apontados, com uma tonelada de peso vivo, que rendiam 67 %, limpos. Ora não se observam hoje tais rendimentos, pois, como vimos, para reses fino-gordas foi encontrado no Concurso de Carcaças apenas 58,6 %.

Para obtenção daqueles pesos, as carcaças foram certamente pesadas com todos os excessos de gordura.

Como exemplo verdadeiramente extraordinário de limpeza de gordura, apresentamos o caso de um boi barrosão de 7 anos, abatido em Agosto de 1959, no Matadouro Municipal do Porto, que pesou em vida 845 kgs. e deu uma carcaça de 517 kgs., correspondendo a 61 % de rendimento. Porém, por virtude da engorda ter sido levada a um extremo excessivo e o animal estar muito «ensebado», como dizem os talhantes locais, tornou-se necessário eliminar o excesso da gordura da capa, interior e dos planos intermusculares como, por exemplo, da aba, a ponto de se lhes terem retirado 122 kgs. de sebo, peso nunca registado naquele matadouro. Deste modo, o rendimento daquele boi ficou modestamente reduzido a 46,75 %.

Podemos afirmar que a rês barrosã, pela sua boa tendência cevatriz, pela qualidade da sua carne, pela conformação do seu tronco largo e arredondado, pela amplitude do seu quarto traseiro e pela característica curta da sua cabeça, pescoço e extremidade dos membros, é das nossas raças autóctones aquela que melhor se comporta como produtora de carne. Assim ela tivesse a precocidade que se lhe deseja.

PRODUÇÃO DE TRABALHO

Conquanto não sejam possantes animais, tanto os bois como as vacas se prestam muito bem ao trabalho.

Ainda há poucas décadas, a quase totalidade do trabalho de carretagem, efectuado nas declivosas ruas do Porto, era feito por juntas barrosãs, cujas desenvolvidas armações jungidas a ornamentais cangas eram motivo de admiração para os turistas.

carnes, o que parece comprovar a sua boa capacidade transformadora da forragem.

Basta, na verdade, aos bois barrosãos meterem-se em repouso alguns meses no «aido» para ficarem em óptimas condições de talho.

Não se limitavam antigamente as boas casas agrícolas, nem se limitam ainda algumas, à simples engorda comercial dos bois que atingiram a sua maturidade. As cevas eram levadas ao exagero, a ponto de produzirem animais que rendiam 600 kgs. no Matadouro, os afamados «bois de barco» de 40 arrobas.

Os hábitos não se perderam de todo, nem depois de ter sido sancionada pelo Organismo competente a eliminação da gordura das carcaças considerada excessiva, nem desde que há duas décadas o preço dos bovinos barrosãos de talho passou oficialmente a estar nivelado com o das restantes raças do Norte, quando entre a marchanteria a carne barrosã se cotava por preço nìtidamente superior. Ainda hoje nos concelhos em que os talhantes se auto-abastecem, os preços livres dos bois barrosãos ultrapassam os dos restantes, com excepção, por vezes, do gado arouquês.

Pouco antes da Páscoa ainda é uso, nas regiões onde se pratica a ceva, um ou outro lavrador franquear as portas para apresentar os seus bois gordos destinados à grande matança de Sexta-feira Santa.

Revelam-se então, agora em reduzido número, bois evidenciando, à simples vista, grandes acumulações de gordura, principalmente na virilha e na maçã do peito. Trata-se, evidentemente, de engordas excessivas, anti-económicas, que demoraram um ano ou mesmo mais e cujas reses, como se ouve dizer, dão prejuízo a três: a quem as ceva, a quem as corta e a quem as come.

Apontamos, por exemplo, um proprietário do concelho de Barcelos que por ano ceva duas, quando não três juntas, até atingirem o aspecto que apresentamos nas fotos 21 a 24.

De 1954 a 1958, por exemplo, os pesos das carcaças mais pesadas dos bois cevados naquela casa agrícola, foram os seguintes:

1954	.....	632 kgs.
1955	.....	612 »
1956	.....	569 »
1957	.....	664 »
1958	.....	600 »

Atribuindo a esses bois um rendimento de 61 %, concluímos que pesavam em vida, respectivamente, 1036, 1003, 933, 1088 e 983 kgs.

A propósito do rendimento de reses extremamente gordas, devemos estar de sobreaviso quanto ao grau de limpeza da gordura efectuada nas carcaças. Segundo várias citações, registavam-se antigamente bois, como os apontados, com uma tonelada de peso vivo, que rendiam 67 %, limpos. Ora não se observam hoje tais rendimentos, pois, como vimos, para reses fino-gordas foi encontrado no Concurso de Carcaças apenas 58,6 %.

Para obtenção daqueles pesos, as carcaças foram certamente pesadas com todos os excessos de gordura.

Como exemplo verdadeiramente extraordinário de limpeza de gordura, apresentamos o caso de um boi barrosão de 7 anos, abatido em Agosto de 1959, no Matadouro Municipal do Porto, que pesou em vida 845 kgs. e deu uma carcaça de 517 kgs., correspondendo a 61 % de rendimento. Porém, por virtude da engorda ter sido levada a um extremo excessivo e o animal estar muito «ensebado», como dizem os talhantes locais, tornou-se necessário eliminar o excesso da gordura da capa, interior e dos planos intermusculares como, por exemplo, da aba, a ponto de se lhes terem retirado 122 kgs. de sebo, peso nunca registado naquele matadouro. Deste modo, o rendimento daquele boi ficou modestamente reduzido a 46,75 %.

Podemos afirmar que a rês barrosã, pela sua boa tendência cevatriz, pela qualidade da sua carne, pela conformação do seu tronco largo e arredondado, pela amplitude do seu quarto traseiro e pela característica curta da sua cabeça, pescoço e extremidade dos membros, é das nossas raças autóctones aquela que melhor se comporta como produtora de carne. Assim ela tivesse a precocidade que se lhe deseja.

PRODUÇÃO DE TRABALHO

Conquanto não sejam possantes animais, tanto os bois como as vacas se prestam muito bem ao trabalho.

Ainda há poucas décadas, a quase totalidade do trabalho de carretagem, efectuado nas declivosas ruas do Porto, era feito por juntas barrosãs, cujas desenvolvidas armações jungidas a ornamentais cangas eram motivo de admiração para os turistas.

Actualmente, nas propriedades que não utilizam a lavra mecânica, os bois trabalham, de preferência, as largas e fundas veigas do litoral. As vacas, vivendo mais na zona submontanhosa, desempenham activo papel no trabalho agrícola de pequena propriedade, a que se adaptam perfeitamente.

Animais de grande docilidade, embora de temperamento um pouco nervoso, lavram, gradam e transportam fortes cargas, trepando, por vezes, atrelados aos pequenos carros minhotos, por caminhos íngremes e pedregosos. A este respeito as vacas são mais sacrificadas, porquanto a área de criação é bastante acidentada.

Fora da época das lavras da Primavera, pouco trabalho é pedido aos bovinos barrosãos. Podem computar-se em 50 o número de dias de trabalho que lhes é exigido anualmente.

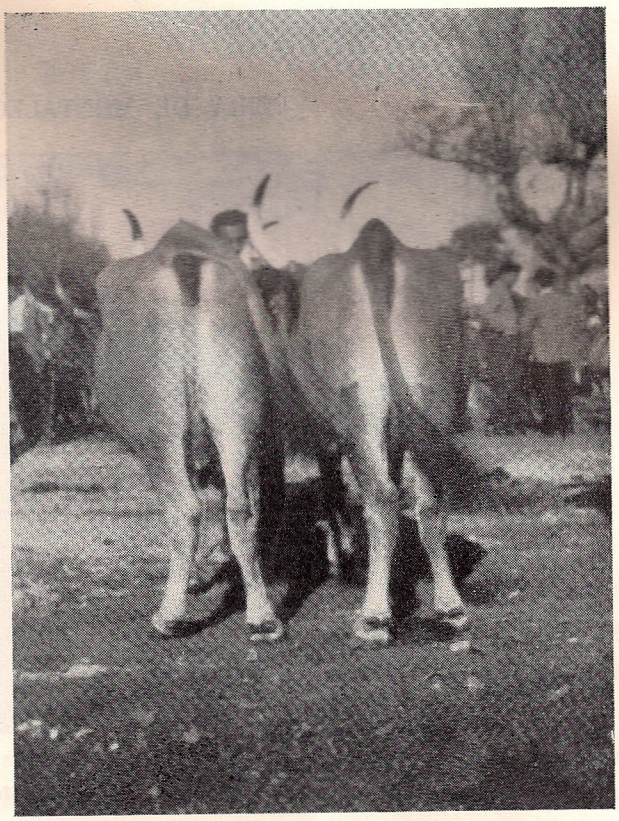
No Barroso, dada a redução das áreas de cultura em relação ao número de cabeças, o trabalho das vacas é bastante mais reduzido, podendo admitir-se que atinja a metade.

A atrelagem do bovino barrosão toma duas formas, consoante se trata do Barroso ou do Minho. Aqui os animais são atrelados com canga, alto espaldar, ricamente trabalhado em talha, apoiado no bordo superior do pescoço. O esforço é transmitido pela cernelha e, em parte, pelos chifres, a que está ligada frouxamente a canga. Para que o cabeçalho do carro ao levantar-se por desequilíbrio da carga nas subidas, não destaque a canga do pescoço dos animais, esta está ligada a um colar de madeira que passa sob a barbela.

No Barroso, com excepção das freguesias minhotas, a atrelagem é por molhelha, aplicada directamente na cabeça, sobre a qual se ajusta o jugo, que se liga sòlidamente aos chifres. Este sistema é mais consentâneo com as necessidades de apoio do cabeçalho do carro nos grandes declives e mais próprio para as zonas de montanha.

ALGUNS DEFEITOS

Foto 25



Desaprumo dos posteriores

Defeito comum na zona de exploração do leite industrial

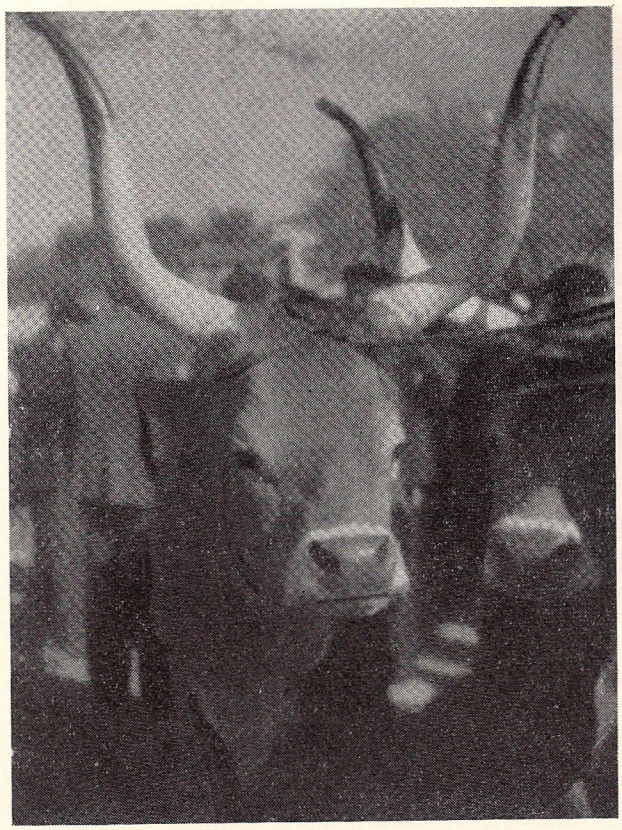


Foto 26

Vaca com defeituosa conformação na face

Focinho torcido

FEIRA DE MONTALEGRE



Foto 27

Vitelos em venda — Barrosão, Mirandês e Mirandês × Barrosão

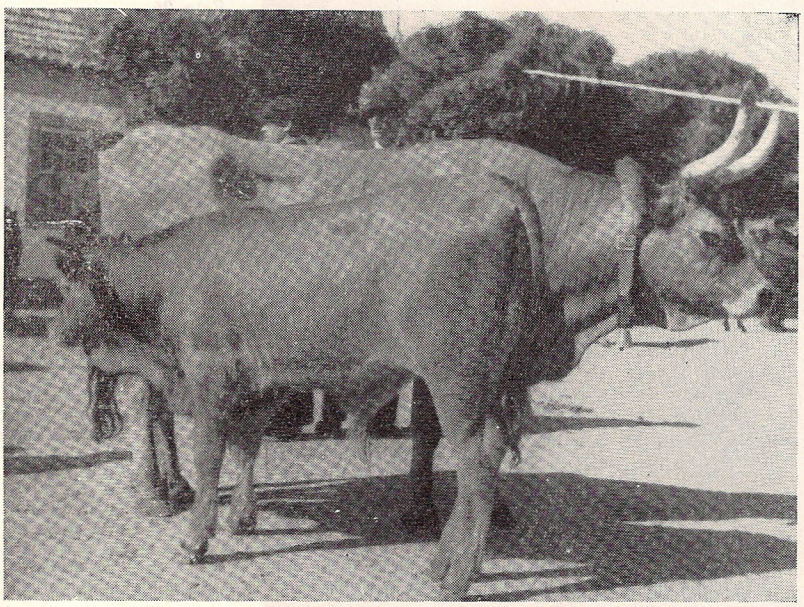


Foto 28

Vaca barrosã com vitelo mirandês × barrosão

MELHORAMENTO DA RAÇA

O primeiro diploma oficial que julgamos ter sido promulgado no sentido especial do melhoramento da raça bovina barrosã, foi o Decreto n.º 925, de 2 de Outubro de 1914, que aprovou a organização do Posto Zootécnico do Gerez.

Este Posto foi «instalado, sem prejuízo dos Serviços Florestais, nas edificações já existentes do Gerez, pertencentes às matas nacionais, bem como nos terrenos pertencentes à mesma mata já aproveitados ou aproveitáveis para praticultura».

Segundo o mesmo Decreto, o Posto era dirigido pelo delegado de pecuária do distrito de Braga, tendo como auxiliar o regente florestal em serviço nas matas nacionais do Gerez. Nele existiria um Livro Genealógico da raça bovina barrosã *(Herd-Book)*, no qual seriam inscritos todos os bovinos do posto e os dos particulares julgados dignos de inscrição. Também haveria um livro de registo das cobrições efectuadas ali. Uma das suas funções era também a cedência, por empréstimo, de reprodutores masculinos.

A vida deste Posto foi, porém, muito efémera, não tendo sido utilizado para os fins a que se destinava.

De facto, em 13 de Dezembro de 1916, pelo Decreto n.º 2892, foi substituido o Posto do Gerez por um outro instalado em Montalegre, designado por Posto Zootécnico do Barroso, que passou mais tarde a intitular-se Posto Zootécnico Dr. António Granjo.

Dos motivos de transferência, fala melhor o relatório preambular desse Decreto:

«Tendo em consideração o requerimento da Câmara Municipal de Montalegre, pedindo a transferência para esta vila do Posto Zootécnico que, na Serra do Gerez, se estabeleceu a fim de aperfeiçoar a raça bovina portuguesa, denominada barrosã;

Atendendo a que a instalação deste Posto na dita Serra obedecia à ideia de utilizar o auxílio que os funcionários das matas do Estado, dependentes daquela zona florestal, certamente lhe prestariam, e de aproveitar, no sustento do armentio, as forragens disponíveis do polígono, mas que se reconheceu depois a dificuldade de uma boa harmonia entre os serviços de natureza tão diversa como os silvícolas e os zootécnicos, e a insuficiência das pastagens da mata para a alimentação do avultado número de reses que o Posto havia de manter;

Atendendo, outrossim, a que os postos destinados ao melhoramento das raças pecuárias nacionais devem, nos termos da lei vigente, estabelecer-se nos respectivos solares, e que o território originário da casta barrosã é indubitàvelmente o planalto montalegrino, onde abundam forragens de superior qualidade;

Atendendo também a que, embora o objectivo principal do referido posto zootécnico seja o seleccionamento intensivo do gado vacum, a sua acção há-de forçosamente abranger as outras espécies domésticas, de valor considerável na economia agrícola do Norte transmontano, quais são a cavalar e a porcina, e que justamente a densidade populacional destas duas espécies é maior no concelho de Montalegre do que nos limítrofes;

Atendendo ainda a que os postos zootécnicos, além de institutos de investigação científica, devem ser também centros coordenadores da actividade e dos esforços concernentes à melhoria da produção pecuária e que para isso mais bem colocados ficam em regiões, como a de Montalegre, que vivam exclusivamente da indústria dos gados e onde haja, como lá acontece, um grande número de criadores a quem sirvam de ensinamento;»

Este posto tinha por objectivo:

«1.º — Exemplificar pràticamente e divulgar os métodos racionais de produção, criação e arraçoamento das espécies domésticas mais importantes na economia agrícola da região;

2.º — Tentar o aclimatamento das raças pecuárias — indígenas, naturalizadas ou exóticas — superiores em qualidade às locais, e que foram adaptáveis ao meio climático e cultural do planalto do Barroso, e proceder também a ensaios de cruzamento dumas com outras;

3.º — Produzir, pela selecção racional, e criar reses bovinas da raça barrosã, aperfeiçoadas para as funções de ceva e de trabalho, bem como desenvolver a aptidão lactígena da mesma raça pelo mencionado método selectivo e pela ginástica funcional;

4.º — Exemplificar pràticamente e divulgar os processos modernos de fabrico dos lacticínios;

5.º — Melhorar a produção hípica do planalto .....
.....

6.º — Melhorar e intensificar a produção e criação porcinas .....

7.º — Exemplificar pràticamente e divulgar os processos racionais de produção das forragens, por meio de campos de experiência e demonstração, estabelecidos tanto na zona média como na zona subalpina do planalto».

Mais estabelecia o Decreto que:

«O gado vacum necessário aos trabalhos de selecção, será tirado de entre as reses do planalto que além de possuírem os caracteres especiais da raça barrosã e as formas exteriores próprias do bovino a três fins, tenham, se forem adultos, dado provas, quer directas, quer por via da sua ascendência ou descendência, das três aptidões, em grau mais ou menos desenvolvido.»

Para assegurar o trabalho selectivo eram instituídos os seguintes livros zootécnicos:

«1.º — Registo provisório;
2.º — Registo de crias;
3.º — Herd-Book;
4.º — Herd-Book de escol.»

O pessoal do posto consistia em:

«1 director, que nos termos da lei era o delegado de pecuária de Vila Real;
1 médico-veterinário, como subdirector;
1 engenheiro agrónomo;
1 escrevente e
os jornaleiros indispensáveis».

Este Posto existiu durante 20 anos, mal assistido de dotações e de estímulo central que o fizesse desempenhar cabalmente a função para que foi criado.

Entretanto, a exploração da batata de semente foi tomando certo incremento no concelho de Montalegre e tornou necessária a instalação dos serviços oficiais sanitários dessa produção. Em face da fraca capacidade realizadora do Posto e do seu apagado papel no fomento pecuário, fácil foi levar à sua extinção e ao aproveitamento das suas dependências para instalação dos serviços Fito-patológicos que haviam de prestar assistência a uma cultura que se tornaria o «oiro branco» da região.

De então para cá, calcula-se que 3/4 dos antigos lameiros do Nordeste do concelho se tenham lavrado e que quase duas dezenas de milhões de quilogramas de batata, certificada ou não, saíam anualmente do Barroso. Calculamos que o número de bois mirandeses e maroneses se tenha elevado entretanto em 1250 para satisfazer as necessidades de lavra da terra destinada a batata e ao carreto das produções.

Não vamos ao ponto de considerar que a extinção do Posto Zootécnico de Montalegre foi o maior golpe desferido no gado barrosão. O Poder Central compreendeu bem que esta raça seria deslocada de boa parte do seu solar de origem, por outra que oferecesse superiores características energéticas, como a mirandesa. Para mais, o criador barrosão insiste em não castrar e recriar novilhos das vacas da região, preferindo adquirir bois de outras raças em Chaves — mirandeses —, ou em Ribeira da Pena — maroneses.

Como se verifica no mapa topográfico, a sede do concelho de Montalegre já não está compreendida na área da criação exclusiva barrosã. O Posto, se existisse, careceria de ser deslocado.

O que se afigura de todo indispensável é a criação de um outro Posto Zootécnico no Barroso, como meio de estabelecer naquela zona uma força directriz que conduza a raça ao seu antigo esplendor e reflicta a sua expansão no Minho. Tal não significa que este Posto venha a substituir o de Viana do Castelo, criado pelo Decreto N.º 16 678, de 1 de Abril de 1929, cujo preâmbulo justificativo é do seguinte teor:

> «Considerando que é lamentável o estado de definhamento da pecuária da região de Entre Minho e Cávado;
>
> Considerando que é urgente pôr termo ao abastardamento das raças bovinas autóctones que a povoam;
>
> Considerando que se tem ali praticado um condenável mestiçamento e ilógico cruzamento com raças exóticas, sem respeito pelos mais rudimentares preceitos higiotécnicos;
>
> Considerando que, são urgentes a propaganda e a prática destes preceitos, por via dos quais se poderá restaurar a antiga fama da indústria da criação e engorda do gado bovino do Minho.»

Neste posto, praticou-se, embora com recursos bastante parcos, meritória obra de melhoramento da raça barrosã. Devemos considerar que o estado bastante satisfatório em que se mantem a raça barrosã no Alto Minho, onde já não se verifica quase o referido abastardamento das raças, se deve atribuir, em grande parte, à acção deste posto que distribuiu mais

de uma centena de reprodutores masculinos, ali nascidos ou adquiridos no Barroso, por postos de cobrição situados em todos os concelhos do distrito de Viana do Castelo e na maioria dos de Braga.

Parece tocar o inverosímil que raça tão bem dotada, contando por quase 200 000 os seus representantes, o que a deve colocar no segundo lugar dos nossos efectivos bovinos, perfeitamente adaptada à região de grande densidade pecuária que povoa, tendo tantos e tão grandes apreciadores, não disponha de um simples estabelecimento zootécnico que a apoie e a seleccione, que prossiga o fecundo trabalho realizado pelos montanheses da Serra de Alturas ou da Cabreira, que, como eles, escolha os machos entre os nascidos da vaca mais leiteira e de melhor conformação, que ensine a conveniência da amamentação até aos 5 meses por eles praticada, que indique os especiais cuidados a ter com a alimentação dos adolescentes, que enfim distribua distintos exemplares de novilhos aos postos de cobrição não só do Barroso, mas do Minho, onde em cada ano que passa se torna mais difícil encontrar reprodutores satisfatórios.

Dissemos que esse Posto é indispensável, mas a sua localização não convirá manter-se em Montalegre. Ele teria de ser instalado na melhor zona da raça que continua a ser a freguesia de Salto, situada a cerca de 6 quilómetros da Venda Nova, junto da barragem do Rabagão.

Possuem ali os criadores, no geral, mais de 10 vacas, indo alguns além de 20 e têm o culto pela selecção do seu gado que rodeiam de bons cuidados alimentares. O Posto poderia ver a sua tarefa grandemente multiplicada, trabalhando com genitores masculinos seus e femininos dos criadores de Salto e das freguesias próximas, do concelho de Montalegre, de Boticas, de Vieira do Minho e de Cabeceiras de Basto.

No Minho as condições de trabalho e as probabilidades de êxito de um Posto Zootécnico são bastante diferentes. Enquanto no Barroso os criadores podem ser melhoradores da raça, o minhoto, em regra caseiro, submetido à tirania de uma economia angustiante, escravo da terra, vende a melhor cria porque dela aufere o melhor rendimento e recria a mais enfezada; faz uma anti-selecção. Felizes excepções encontram-se, sem dúvida, em apaixonados cultores desta raça, o que, contudo, não pode suprir o definhamento causado por uma enorme legião de caseiros e de pequenos proprietários.

O melhoramento da raça além de ter sido tentado, por selecção, através dos Postos Zootécnicos a que atrás nos referimos, vem sendo exercida sobretudo pela acção do contrôle dos touros dos postos de cobrição, quer particulares quer dos povos, sendo estes registados quase sempre em nome da Junta de Freguesia. Esta acção é, porém, passiva e não directiva de fomento. Limita-se a aprovar ou a regeitar os touros apresentados para licenciamento, mas rejeitado um reprodutor por simples apreciação do fenotipo, há dificuldade em indicar um outro que reuna as condições de conformação e desenvolvimento convenientes e mais do que isto, seja de ascendência que permita esperar dele a transmissão de um bom potencial genotípico.

Ùltimamente, na recente Estação de Fomento Pecuário de Barcelos, está-se praticando a recria de novilhos, em regra provenientes das terras de Barroso, com vista à sua difusão em postos de cobrição.

Outro meio de tentativa de fomento é constituido pelos Concursos Pecuários. Estes certames tem função importante pela educação dos concorrentes e assistentes na justa apreciação dos exemplares da raça e pela emulação que desenvolve entre os criadores. Porém, não podem resolver o problema do melhoramento, como meios auxiliares que são. Pode-se, no entanto, constituir através deles prova demonstrativa do trabalho melhorador levado a efeito por qualquer posto zootécnico.

A finalizar as nossas considerações, permitimo-nos enumerar alguns pontos básicos que julgamos indispensáveis no melhoramento do gado bovino barrosão:

1 — Instituição do respectivo livro genealógico;

2 — Criação de um Posto Zootécnico no Barroso, de preferência na ou junto à freguesia de Salto, do concelho de Montalegre;

3 — Realização, nesse Posto, do trabalho de secretaria do Livro Genealógico, devendo nele ser inscritos, a título inicial, as melhores fêmeas dos criadores da freguesia sede do Posto e das mais próximas e efectuar-se o registo das cobrições e de nascimentos;

4 — Aquisição, para a recria no Posto ou nas propriedades de criadores idóneos, dos vitelos que se revelem mais precoces e com melhor

conformação à desmama e sejam filhos de reprodutores inscritos no Livro Genealógico;

5 — Exigência, por parte dos Intendentes de Pecuária, a partir de certo período de funcionamento do Posto, de novilhos inscritos no Livro Genealógico, para efeito de licenciamento dos postos de cobrição;

6 — Vulgarização das melhores normas higiotécnicas, adequadas à região, para a criação e recria dos bovinos;

7 — Estabelecimento de tabelas oficiais de compra de gado com cotação superior para os bois barrosões em relação a outras raças e preferência da sua carne para «talhos extra»;

8 — Prosseguimento da realização dos Concursos Pecuários, em cujas tabelas de classificação convém que sejam considerados também elementos biométricos;

9 — Aplicação do método da inseminação artificial, com o fim de combater as doenças contagiosas do foro genital e acelerar o melhoramento zooténico;

10 — Ensaio, no Posto, do cruzamento com outras raças nacionais ou estrangeiras;

11 — Regulamentação do apascentamento alpestre do Barroso e melhoramento dessas pastagens.

*

A todos a quem recorremos para execução do presente trabalho e que tão amàvelmente nos deram o precioso contributo dos seus conhecimentos ou nos facultaram elementos de consulta, particularmente aos Ex.mos intendentes de pecuária, delegados da J. N. P. P., aos colegas e criadores, expressamos o nosso profundo reconhecimento.

RESUMÉ

L'Auteur s'occupe de l'origine et de l'évolution historique de la population bovine «barrosã», apprécie, sous divers points de vue, les effectifs respectifs, cite les modalités de multiplication et d'élevage pratiquées, en indiquant les régions correspondantes, fait la déscription des caractéristiques morpho-fonctionelles des bovins «barrosãos» de nos jours et réfère les méthodes d'amélioration de cette espèce à adopter.

SUMMARY

The Author tells us about the origin and the historic development of the breeding «barrosã» and appraises the effectives, relates the geographic areas and livestockand gives us a clear description of the morphologic and functional characteristics.

At last he refers to the already realized and future methodes, in order to materialize the development of the livestock.

BIBLIOGRAFIA

DECHAMBRE — *Les bovins.*

JOÃO TIERNO — in Boletim Pecuário.

MIRANDA DO VALE — Gado Bissulco.

SILVESTRE BERNARDO LIMA — Bovídeos e Suídeos.

TUDE M. DE SOUSA — O Gerez.

ARROLAMENTOS GERAIS DE GADOS.

BOLETIM PECUÁRIO N.º 1 — 1945.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA.

RELATÓRIO DO POSTO ZOOTÉCNICO DE VIANA DO CASTELO — Maio de 1949.